

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
CAMPUS JAGUARI

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA

KÁSSIA SILVEIRA CRIVELLARO

**A PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS DE MULHERES DO CAMPO: PERSPECTIVAS
E POSSIBILIDADES**

Jaguari
2023

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
CAMPUS JAGUARI

KÁSSIA SILVEIRA CRIVELLARO

**A PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS DE MULHERES DO CAMPO: PERSPECTIVAS
E POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Educação do Campo e Agroecologia do Instituto Federal Farroupilha *Campus Jaguari* – RS como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo e Agroecologia.

Orientador: Ivan Carlos Schwan

Jaguari

2023

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
CAMPUS JAGUARI

O (A) orientador (a), Prof (a). Priscila Turchiello e o (a) pós-graduando (a) Kássia Silveira Crivellaro, abaixo assinados, cientificam do teor do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Especialização em Educação do Campo e Agroecologia

**A PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS DE MULHERES DO CAMPO: PERSPECTIVAS E
POSSIBILIDADES**

Elaborado por

Kássia Silveira Crivellaro

como requisito para a obtenção do título de
Especialista em Educação do Campo e Agroecologia

Dr. Ivan Carlos Schwan

Professor Orientador

Kássia Silveira Crivellaro

Estudante

Jaguari
2023

A PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS DE MULHERES DO CAMPO: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

Kássia Crivellaro¹

Ivan Carlos Schwan²

Resumo

Esta pesquisa tem como temática a produção de memórias de mulheres do campo, com foco nos significados apresentados em produções acadêmicas sobre mulheres do campo. O objetivo foi analisar quais estudos acadêmicos se ocupam de produzir memórias sobre mulheres do campo e que significados sobre memórias e mulheres do campo circulam nestas produções. A abordagem metodológica adotada para o trabalho foi a pesquisa bibliográfica do tipo estado do conhecimento, utilizando como base para o levantamento de dados, repositórios e periódicos de cinco instituições que produzem conhecimento nas áreas de Educação do Campo e Feminismo, localizadas nas cinco macrorregiões do Brasil. Os resultados encontrados apontam um baixo índice de produção nestas áreas do conhecimento, no período dos últimos cinco anos, o que se deve ao fato de que a maioria das produções que tratam de contar memórias sempre foi reservada ao público masculino. Mesmo em dias atuais, percebe-se baixa demanda de produções femininas, quando comparadas àquelas, principalmente quando relacionadas à temática mulheres do campo. Por fim, compreendeu-se a necessidade de mais produções voltadas a contar as memórias das mulheres rurais e as suas inúmeras lembranças existentes.

Palavras-chave: Memórias. Mulheres do Campo. Educação do Campo.

¹ Acadêmica do Curso de Especialização em Educação do Campo e Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - *Campus* Jaguari. E-mail: kassiascrivellaro@gmail.com.

² Professor Orientador, da área de Educação, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - *Campus* Jaguari. E-mail: ivan.schwan@ifarroupilha.edu.br.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição das Instituições de Ensino Superior (UFs e IFs), por macrorregião	10
Tabela 2: Levantamento dos estudos acadêmicos voltados à produção de memórias de mulheres do campo, mulheres rurais	24

SUMÁRIO

1. Introdução	1
1.1. Problema	4
1.2. Objetivos	4
2. Metodologia	5
3. Revisão teórica	11
3.1 Narrativas e mulheres do campo	11
3.2 Memórias e mulheres do campo	18
4. Mulheres rurais: o contexto das macrorregiões do Brasil	24
5. Mulheres rurais: memórias e subjetividades	39
6 Considerações finais	54
7 Referências	56

1. Introdução

Desta vez fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri. Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra. Recordações são fragmentos do tempo (BRUM, 2014, p.7).

Ao longo dos anos, muito se tem observado sobre o quanto o público feminino tem ganhado espaço e visibilidade na sociedade, conquistando muitas áreas que até pouco tempo eram consideradas inapropriadas para as mulheres, devido a uma concepção pautada em pressupostos machistas e patriarcais. E esta inserção da mulher nos mais variados espaços, públicos e privados, foi o resultado de muitas batalhas e conflitos históricos na esfera produtiva, socioeconômica, cultural, familiar e política.

Nesta perspectiva de desigualdades, ao longo da construção de gênero, foram sendo determinadas quais atividades as mulheres deveriam exercer, havendo uma centralidade nas atividades domésticas desde muito cedo. Quanto ao homem, ocupava o lugar de destaque nas atividades profissionais. A denominação “gênero”, por muito tempo, possuiu uma associação referenciada pela sociedade em que, as relações entre homens e mulheres não são (eram) de igualdade, e sim, relações hierárquicas com o poder atribuído aos homens sob as mulheres, em todos os setores (FARIA,1995).

Este processo de desigualdades no âmbito de gênero está ainda mais presente no ambiente rural, onde as mulheres não possuíam direitos reconhecidos, apenas detinham serviços atrelados ao lar, sem ter o poder de ser dona de suas terras ou adquiri-las através da compra, pois era de preferência masculina, de suas heranças e privilégios ligados ao matrimônio, isto tudo, por serem autodenominados como os “chefes de família”. A mulher campesina não conseguia ser reconhecida ativamente no âmbito econômico e produtivo e vista em sua própria morada e comunidade, para além das atividades domésticas.

Ademais, para conseguir chegar a este lugar de conquistas foi preciso vencer e perder muitas batalhas, batalhas estas que constituíram ou não as mulheres do campo. Batalhas e memórias que apresentam retalhos de muitos acontecimentos no decorrer da cronologia do tempo e que fazem parte da construção da figura

campesina, da personalidade, do constituir-se e reconhecer-se como mulher do campo.

No espaço cronológico ao longo da história, são apontadas quatro ondas do feminismo que delinearão os movimentos no mundo todo. Essas ondas fazem parte da particularidade de cada mulher, começaram a manifestar-se no século XIX e se intensificaram em 1980, conquistas estas atribuídas a diversos contextos e pautas das respectivas épocas e que, atualmente, ganham ainda mais força (AGUIAR, 2016). A partir de 1980, as mulheres começaram a ganhar mais voz em seus movimentos, agregando não só mulheres da classe média, mas juntando e encorajando muitas outras classes sociais, abrindo um leque de diversidade, como por exemplo, as mulheres rurais. A mulher necessitou marcar presença em diversos movimentos sociais, protestos e campanhas para garantir que o seu espaço e seus direitos fossem reconhecidos e respeitados mediante a sociedade conservacionista.

Uma das reivindicações demarcadas pela mulher do campo foi a extinção da tutela masculina sobre as propriedades de terra, onde apenas o público masculino poderia ter o domínio (propriedade) ou concessão do uso da terra (posse). Este direito foi conquistado pelas mulheres independentemente do seu estado civil, promulgado através da Constituição de 1988 (LUSA; FREITAS, 2017). Outro importante marco na história das mulheres trabalhadoras do campo e no estado do Rio Grande do Sul, foram as organizações as “Margaridas” e as “Mulheres da Roça” de 1986 que, posteriormente, deram origem e seguimento ao “Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul (MMTR)”, criado em 1989 como um movimento estadual autônomo (SOBREIRA, 2020).

Ainda vale ressaltar a realização da “Marcha das Margaridas” (2000), que reúne mulheres do campo e mulheres em suas pluralidades e diversidades, todas com o mesmo objetivo, a luta por uma vida mais justa e com direitos, além de muitas outras movimentações ocorridas ao longo dos anos.

Percebe-se que, através das lutas pela equidade e por direitos, as mulheres têm conseguido romper, aos poucos, algumas determinações impostas por gerações e, conseqüentemente, têm conseguido realizar uma (des) construção para as atuais e próximas gerações (SANTOS; HASKEL; AQUINO, 2021).

Segundo dados do Relatório Técnico de “Desigualdades de Gênero dos ocupados com atividades ligadas à Agricultura” (2021), a população que mais predomina ainda na agricultura em nosso país é a população masculina, com o

percentual de 71%. Contudo, no Estado do Rio Grande do Sul (RS) os homens representam pouco menos da metade (49%), ou seja, as mulheres estão conseguindo conquistar o seu reconhecimento no setor, desenvolvendo atividades de seu interesse, sendo donas de suas terras, protagonistas em sua comunidade.

Outro dado interessante, apontado pelo Censo Agropecuário do ano de 2017, é que no Brasil cerca de 76,6% estabelecimentos rurais são vinculados à agricultura familiar e no estado do RS cerca de 80,5% estão direcionados para a agricultura familiar. Vale ressaltar, ainda, que no Brasil a percentagem de estabelecimentos ligados à agricultura familiar que são comandados por mulheres é de 19,7%, entretanto este percentual ainda é inferior no RS quando o assunto são estabelecimentos chefiados pelo público feminino, cerca de 12,2% (MENEZES; PESSOA; SILVA, 2021).

Diante destes dados, cabe destacar o quanto a mulher do campo representa um papel imprescindível no trabalho rural, principalmente quando esta importância está associada à agricultura familiar, desenvolvendo um papel de coordenação indispensável no processo produtivo dos alimentos, em sua família, comunidade e na constituição de sua identidade enquanto mulher e mulher do campo, sendo a protagonista, coordenando e chefiando muitas atividades nos mais variados setores (ANTÔNIO; BRAGA; ASSIS e AQUINO, 2020).

Apesar das desigualdades, as mulheres estão transformando, aos poucos, aquela visão e herança de que só podem permanecer em espaços associados à maternidade e ao cuidado do lar. Nos dias atuais, parte das mulheres do campo já consegue mudar este panorama e pensamento, participando das atividades do campo, buscando por conhecimentos, especializações, ao construir voz ativa em sua comunidade e compreenderem que este espaço já era seu por direito (BONI, 2013).

Por este cenário repleto de lutas, anseios e memórias, positivas ou negativas, entre o passado, o presente e o futuro, que este trabalho tomou como ponto de partida o desejo de olhar, conhecer, compreender, escutar e valorizar as experiências de mulheres que habitam e (habitaram) a localidade Picada do Padre, no município de São Francisco de Assis, no Estado do Rio Grande do Sul. Este lugar, a Picada do Padre, é constituído por famílias para quem a agricultura familiar é presente em seu seio, lugar que como pesquisadora e mulher vivenciei muitas histórias, através dos relatos de minha avó materna que afirmava ser seu lugar de

morada e que funciona como inspiração para a realização desta pesquisa, lugar este que apresenta mulheres agentes de sua comunidade.

Considerando a necessidade de analisar a produção de conhecimentos que têm sido publicadas sobre pesquisas (auto) biográficas, narrativas e de fonte oral, voltados à produção de memórias, entendeu-se a necessidade de realizar uma análise do que tem sido produzido e publicado, procurando entender os procedimentos envolvidos e os sentidos e significados que permeiam os estudos que têm como foco a produção de memórias de mulheres do campo. Para tanto, propõe-se esta pesquisa considerando como problema de pesquisa e objetivos:

1.1. Problema

Que estudos acadêmicos se ocupam de produzir memórias de mulheres do campo e que significados sobre memória e mulheres do campo circulam nestas produções?

1.2. Objetivos

Objetivo Geral

Analisar como os estudos acadêmicos se ocupam de produzir memórias de mulheres do campo e que significados sobre memória e mulheres do campo circulam nestas produções.

Objetivos Específicos

- Realizar um levantamento dos estudos acadêmicos voltados à produção de memórias de mulheres do campo;
- Investigar os procedimentos metodológicos e as ferramentas de coleta e análise de dados utilizados nos estudos acadêmicos sobre memórias de mulheres do campo;
- Compreender as noções de memória e mulheres rurais que circulam nos estudos acadêmicos sobre memórias de mulheres do campo.

2. Metodologia

A abordagem metodológica desta pesquisa se caracterizou como bibliográfica do tipo estado do conhecimento, qualitativa e quantitativa, pois foram apresentados dados estatísticos e discussões teóricas a respeito da temática de pesquisa: memórias de mulheres do campo.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa tem o objetivo de realizar um aprofundamento sobre determinada temática a qual não se dispõe suficientemente ou não há um certo entendimento, a fim de realizar questionamentos e solucionar determinados assuntos ou respondê-los. Apresenta diversas modalidades, sendo uma delas a pesquisa bibliográfica. Este método de pesquisa, que é a Pesquisa Bibliográfica, vem ganhando um significativo aumento nos últimos anos, com crescentes números de produções científicas, sendo utilizada principalmente nos meios acadêmicos (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

Apesar deste avanço ser muito positivo no âmbito educacional e socioeconômico, principalmente por conta do aumento de novos pesquisadores em diversas áreas, trazendo discussões, inovações, indagações e soluções sobre diversas temáticas, também torna-se importante para o desenvolvimento pessoal e acadêmico (currículo), destes pesquisadores (BRITO; OLIVEIRA; SILVA, 2021). No entanto, com a crescente produção de trabalhos científicos, também há um crescente questionamento e preocupação sobre a qualidade destas produções que estão sendo produzidas. Isto se deve pelo fato de que, em algumas produções caracterizadas ou compreendidas como "revisão de literatura" ou como "revisão bibliográfica". Contudo, este entendimento é um pré-requisito para qualquer tipo de pesquisa. Cabe destacar que quando nos referimos a pesquisa bibliográfica, esta metodologia vai muito além da revisão de literatura, pois reúne uma estruturação de diversos procedimentos de busca por soluções, tendo sua atenção focalizada ao objeto de estudo, sendo de extrema importância seguir por caminhos não-aleatórios (LIMA e MIOTO, 2007).

Lima e Mito (2007) destacam que, ao tratarmos sobre estes caminhos não-aleatórios e não segui-los, conseguimos compreender que este tipo de metodologia requer alto grau tanto de observação e de cuidado na escolha dos procedimentos que permeiam a metodologia da pesquisa, além de vigilância epistemológica (LIMA e MIOTO, 2007).

Aliado a essa discussão, a pesquisa bibliográfica tem o intuito de realizar levantamentos e revisão de obras já publicadas, sendo estas de interesse particular do pesquisador, que reúne uma bagagem teórica e científica como base ao processo de estudo, valendo-se do aporte de livros, artigos científicos, revistas, documentos impressos, teses, entre outros (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Portanto, a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador uma amplitude no alcance de informações e no requerimento de dados que estão dispersos em diversas publicações, favorecendo, dessa maneira, uma melhor definição e entendimento do seu contexto (GIL, 1994).

A pesquisa do tipo estado do conhecimento, tem caráter bibliográfico, pois permite o mapeamento de produções científicas de uma determinada temática. Ferreira (2002), destaca que pode ser definida como pesquisas que:

São definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 2).

Diante do exposto, o estado do conhecimento torna-se uma ferramenta importante nas pesquisas, pois possibilita apresentar um panorama geral do que vem sendo produzido em um determinado espaço de tempo em uma determinada área, também favorece observar as lacunas ainda existentes e uma ordenação que irá possibilitar acompanhar o quadro evolutivo das pesquisas existentes naquela área de estudo.

O percurso trilhado para este trabalho, teve como base os procedimentos da pesquisa bibliográfica de acordo com LIMA e MIOTO (2007). Para tanto, na primeira etapa dediquei-me à elaboração do projeto de pesquisa, onde buscou-se definir o fio condutor da pesquisa, a temática a ser desenvolvida e o contexto metodológico, traçando um plano que visa a busca de possíveis respostas para as questões traçadas.

A segunda etapa consiste na busca pelo reconhecimento/levantamento bibliográfico nos repositórios (bibliotecas virtuais), selecionando materiais de periódicos, programas e/ou cursos de pós-graduação, com o recorte temporal dos

últimos cinco anos (2018, 2019, 2020, 2021 e 2022), tendo como critério para a composição amostral um periódico, programa e/ou curso de pós-graduação de cada macrorregião do país, de acordo com as definições do IBGE³, considerando as áreas de conhecimento Educação do Campo e Feminismo. Previamente, definiu-se a utilização de alguns descritores para a realização do levantamento de publicações, sendo eles: Memória de mulheres do campo; memória de mulheres rurais; memória; mulheres do campo; mulheres rurais.

A seguinte etapa corresponde à sondagem do material na composição dos dados, sendo utilizado como critério para esta etapa a leitura dos títulos, palavras-chaves e resumo das produções. Na sequência, foi realizada uma leitura completa dos materiais que foram selecionados, considerando-se os objetivos da pesquisa. A etapa que dá seguimento à pesquisa, integra a identificação de eixos de análise tendo como foco os procedimentos metodológicos e referenciais teóricos apontados nos estudos que compõem o *corpus* analítico da pesquisa.

Coletados os dados da pesquisa e estabelecidas as possíveis categorias de análise, metodologicamente procedeu-se à análise criteriosa do conteúdo selecionado, criando as condições para a elaboração de sínteses, problematizações e reflexões acerca do objeto de estudo, considerando os objetivos da pesquisa.

De acordo com Lima e Mioto (2007), a organização metodológica da pesquisa pode considerar:

- 1ª Etapa: Exposição do método: primeiro passo na definição do percurso metodológico;
- 2ª Etapa: Construção do desenho metodológico e a escolha dos procedimentos;
- 3ª Etapa: Apresentação do percurso da pesquisa.

A partir deste delineamento sobre a pesquisa bibliográfica do tipo estado do conhecimento, este trabalho procurou explorar a produção de pesquisas autobiográficas, narrativas, fonte oral, dentre outras, que se voltam à produção de memórias de mulheres do campo, nas áreas de conhecimento com enfoque na Educação do Campo e Feminismo, que fazem parte dos repositórios de periódicos, programas e/ou cursos de pós-graduação previamente selecionados, por decorrência das áreas do conhecimento, nas macrorregiões brasileiras, sendo eles:

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

1. Região Norte

- Universidade Federal de Tocantins (UFT). Revista Brasileira de Educação do Campo.

2. Região Nordeste

- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Mestrado Profissional em Educação do Campo. Linha de Pesquisa: Cultura, raça, gênero e Educação do Campo.

3. Região Centro-Oeste

- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado em Educação do Campus do Pantanal. Linha de Pesquisa: Gênero e sexualidades, cultura, educação e saúde

4. Região Sudeste

- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. Linha de Pesquisa: Identidades Culturais e Representações Coletivas

5. Região Sul

- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Revista Estudos Feministas.

Para que se tornasse possível chegar a essa amostragem, foram pesquisadas inicialmente as instituições de ensino superior (IES) públicas federais do território brasileiro, relacionadas no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior - Cadastro e-MEC, limitando-se a pesquisa em instituições como organização acadêmica de universidades, sendo verificadas a existência de 68 IES no total. A distribuição das IES por macrorregião está configurada da seguinte forma: região norte - 10 universidades; região nordeste - 20 universidades; região centro-oeste - 08 universidades; região sudeste - 19 universidades; região sul - 11 universidades.

A segunda estratégia utilizada voltou-se à identificação dos periódicos, realizada por meio do Portal de Periódicos CAPES⁴. A primeira busca pautou-se no uso do descritor Educação do Campo, no qual foram identificados 10 periódicos⁵,

⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁵ Periódicos identificados no Portal da CAPES com o identificador Educação do Campo: Ciência & Saúde Coletiva; Educação e Pesquisa; Educação Temática Digital; Estudos Feministas; Holos;

considerando-se o critério título do periódico, sendo eleito para compor a amostragem aquele que apresentava relação mais específica com a temática, a Revista Brasileira de Educação do Campo (UFT). Na segunda busca por periódicos, utilizou-se o descritor Feminismo, tendo sido constatado no Portal, de acordo com o título do periódico, a existência de 09 periódicos⁶. A partir do mesmo critério de composição da amostragem utilizado anteriormente, foram localizados dois periódicos específicos: Revista Feminismos (UFBA) e Revista Estudos Feministas (UFSC).

Dando continuidade à composição da amostragem, partiu-se para uma busca no site de pesquisa Google Busca utilizando-se como primeiro descritor, Programa Pós-Graduação Stricto sensu Educação do Campo, tornando-se possível localizar o Mestrado Profissional em Educação do Campo (UFRB); Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (UFFRJ). Considerando que as buscas até aqui realizadas haviam possibilitado reconhecer periódicos ou programas e/ou cursos de pós-graduação de quatro das cinco macrorregiões do país, partiu-se para uma busca mais específica, utilizando-se dois critérios de seleção, quais foram, programas e/ou cursos de pós-graduação na área da educação com alguma linha de pesquisa relacionada ao feminismo e o de localização, situados em um dos estados que compõem a região centro-oeste (Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal). Analisando-se os programas e/ou de pós-graduação e suas respectivas linhas de pesquisa, foi possível identificar que a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus Pantanal apresenta em seu Programa de Pós-Graduação em Educação o Curso de Mestrado em Educação que possui a Linha de Pesquisa: Gênero e sexualidades, cultura, educação e saúde voltada ao desenvolvimento de estudos teórico-metodológicos em torno de três macros temas - Gênero e Sexualidades, Cultura e Saúde - e suas interfaces com a Educação Social.

Como descrito anteriormente, na pesquisa dos periódicos foram identificados dois títulos relacionados à área de conhecimento do Feminismo, um de uma IES da região nordeste e outro da região sul. Para que se chegasse a eleição de um deles para compor a amostra, considerou-se que havia sido detectado, também, um curso

Interface; Psicologia, Ciência e Profissão; Revista Brasileira de Educação do Campo; Revista Cefac; Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.

⁶ Periódicos identificados no Portal da CAPES com o identificador Feminismo: Asparkía: Investigación Feminista; Cadernos Pagu; Cuestiones De Género: de la Igualdad y la Diferencia; Estudos Feministas; Feminismo/s; Investigaciones Feministas; Política y Sociedad; Revista Ártemis.

de pós-graduação em educação do campo na região nordeste, desse modo elegeram-se a Revista Estudos Feministas da UFSC, constituindo assim a amostra para a realização da primeira etapa da pesquisa.

A tabela a seguir demonstra a quantidade de Instituições de Ensino Superior distribuídas nas cinco macrorregiões brasileiras:

Tabela 01: Distribuição das Instituições de Ensino Superior (UFs e IFs), por macrorregião

SUL	SUDESTE	CENTRO OESTE	NORTE	NORDESTE	TOTAL
RS: 6	SP: 3	MS:2	RO: 1	BA: 4	
SC: 2	MG: 11	GO: 3	AC: 1	PI: 2	
PR: 3	RJ: 4	MT:2	AM: 1	MA: 1	
	ES:1	DF: 1	RR: 1	RN: 2	
			PA: 4	PB: 2	
			AP: 1	PE: 4	
			TO:1	AL:1	
				SE:1	
				CE: 3	
Total: 11	Total: 19	Total: 8	Total:10	Total: 20	Total: 68

Fonte: elaborado pela pesquisadora

A realização desta pesquisa possibilitou realizar uma discussão dos trabalhos acadêmicos que vêm sendo desenvolvidos, nos últimos cinco anos, nessas instituições, por meio dos periódicos, programas e/ou cursos, acerca do que se compreende sobre a temática das memórias de mulheres do campo.

3. Revisão teórica

3.1 Narrativas e mulheres do campo

Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo. O ponto-final de quem conta nunca é fim, apenas princípio (BRUM, 2014, p. 48).

As narrativas fazem parte de nossas vidas, fazem parte do histórico da humanidade, contamos diversos tipos de histórias por longas gerações, principalmente aquelas que fazem parte de nossas experiências e vivências enquanto seres humanos, enquanto estamos neste mundo vivendo e aprendendo. Estes relatos permanecem sendo recontados, perpetuados por nossos legados e ecoando as vozes que deixamos em vida. Estas narrativas fazem parte de quem somos.

De acordo com Bolívar (2002), narrar faz parte de um contexto de experiências, que tem como base a compreensão das ações humanas, ou seja, para se compreender algo, seja humano, pessoal ou coletivo, é preciso contar-se uma história. Para o autor, “narrativar” não é apenas um método, mas sim, uma forma de se construir a realidade de algo que já foi um dia e do que será.

Ao refletir sobre o universo feminino, sabemos o quanto houve avanços e hostilidades neste percurso de direitos de espaços, tornando-se emergente contar histórias ainda não contadas no histórico do feminismo, isto porque fomos criadas em um contexto em que as mulheres deveriam sempre permanecer quietas e frágeis, devendo servir à família e ao marido de maneira única, sem, muitas vezes, poder permanecer e participar ativamente em âmbitos profissionais, voltados aos setores econômicos, sociais, ambientais e políticos.

Neste olhar mais aguçado sobre esta ótica dos inúmeros percursos de hostilidades, preconceitos e avanços sob o contexto do feminismo, que muitas foram as lutas vivenciadas pelas mulheres ao longo dos tempos, diversos movimentos e reivindicações no contexto histórico pela busca por direitos e espaços.

Estas lutas se tornam ainda mais árduas, quando procuramos compreender e possuir o entendimento de abrimos - ampliarmos o guarda-chuva, neste cenário vasto do universo feminino, pois quando nos referenciamos as mulheres camponesas, sabemos o quanto suas estradas foram repletas de pedras pontiagudas

e de obstáculos, isto por conta da opressão de uma sociedade patriarcal e machista em que detinha uma herança marcada por preconceitos e diferenças entre os gêneros em sua própria propriedade, família e comunidade.

Com este cenário de hostilidades onde a mulher do campo era silenciada principalmente por residir em locais mais isolados, tanto violências, quanto opressões eram e ainda são mais fáceis de transcorrer. Apesar desta busca incansável e muitas vezes extenuante na busca por avanços, espaços e direitos, a construção de um feminismo camponês, do campo e popular como movimento de autonomia, liberdade, esperança, está cada vez mais potencializada atualmente, através de movimentos feministas, projetos, oficinas, sindicatos ou reuniões nas próprias comunidades, abordando pautas, unindo e sensibilizando mais mulheres sobre seus direitos e visibilizando que nós mulheres não estamos sozinhas e sim, possuímos umas às outras e merecemos estarmos inseridas nos espaços que quisermos estar e ocupar (SANTOS e BETTO, 2021).

Por conta desta trajetória e luta constante por respeito e direitos em todos os setores, é que as mulheres antepassadas/antecessoras e das gerações atuais batalham para serem ouvidas. Torna-se imprescindível recontar relatos pessoais, relatos estes que, muitas vezes, ficam apenas em suas memórias e que não veem ao conhecimento do público. Versões estas de lembranças que fazem parte do eu-mulher e, principalmente, do constituir-se e reconhecer-se como mulher do campo.

Bolívar (2002) permite-nos refletir o quanto as versões que trouxemos de nós mesmos em nossas narrativas são construções sociais e que estas não devem ser reificadas. E, nesta esfera de construção, devemos dar ênfase ao ato de contar histórias, vivências e experiências enquanto mulheres, mulheres do campo ou mulheres no campo (residem), criando condições para que sejam tornadas visíveis as formas como compreendem a si mesmas.

Podemos comparar nossas experiências e o modo como nos construímos e reconstruímos ao longo de nossas vidas como um “Poliedro”, que apresenta faces, traços infinitos. Nestes traçados, que contam sobre vidas, cada detalhe unificado, quando em contato com outros indivíduos, poderia transformar-se em um poliedro para outra pessoa, criando um vínculo identitário social, conectando faces entre cada ponta, de acordo com cada traço com o qual nos identificamos (ARISTIMUNHO, 2021).

Com esta comparação, é possível refletir a importância do compartilhamento da representatividade feminina no campo e em todos os lugares. Dou ênfase ao campo, pois este trabalho interessa-se pelos ditos sobre as mulheres do campo. São nos traços únicos de cada mulher, mulher do campo, que se dão os processos de construção e reconstrução de si, em busca de reconhecimento igualitário em diversos patamares das vidas. E, nesta construção incansável e, muitas vezes, exaustiva, procura-se garantir as condições de igualdade no mundo. É neste processo que descobrimos a força de mulheres, suas identidades e reconhecemos como nos constituímos como mulheres, mulheres do/no campo.

No que se refere a este compartilhamento de histórias sob o contexto da representatividade feminina no campo, a autora Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003), transcreve em seu texto que, existem diversas formas/fontes para se conhecer e recontar experiências, também de se reconhecer a realidade social multifacetada, sendo esta, construída socialmente pelos seres humanos, que através de suas vivências e experiências acabam vivenciando diversas situações cotidianas no decorrer de suas vidas, a fim de influenciar no processo do autoconhecimento. Ainda a autora destaca que, a pesquisa bibliográfica, auxilia no conhecimento da busca por histórias de vida, de biografias, autobiografias, memoriais, além disso, é possível utilizar diversas ferramentas, como as narrativas em si, histórias orais, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral.

Ainda referente aos métodos mencionados pela autora, estes contribuem na eternização e valorização de histórias de vida, destaque neste trabalho, para as histórias de mulheres do campo, métodos como estes citados, em especial as narrativas (auto)biográficas, auxiliam nesta caminhada na perpetuação de fatos ocorridos na cronologia do tempo, no constituir-se mulher, mulher do campo e suas subjetividades, além de amparar histórias e (re) contá-las para gerações presentes e futuras, como maneira de auxiliar não só a relatar seus fatos suas memórias, mas também, na transformação, superação, podendo auxiliar no desenvolvimento do processo da autonomia, autoconhecimento, autoestima, empatia e sororidade.

O autor Elizeu Clementino de Souza (2014), retrata que as narrativas (auto)biográficas configuram-se como corpus de pesquisa, sendo através das narrativas tanto orais e/ou escritas, que é possível registrar diferentes marcas no mundo, que irão possibilitar construções de identidades, tanto coletivas quanto pessoais.

Narrativas (auto)biográficas, construídas e/ou coletadas em processo de pesquisa ou em práticas de formação, centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivo frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si (SOUZA, 2014, p 43).

Quando narrativamos histórias, ressignificamos e reconstruímos a trajetória do sujeito, rememoramos momentos. A autora Magda Soares (1991, p.41), traz uma importante compreensão nesta ação de contar, onde destaca “Conto o passado - o passado de que foi contemporânea aquela que fui - conhecendo-lhe o futuro; portanto, na verdade, reconstruo-o em função desse futuro, que é o meu presente de hoje”.

Nesta perspectiva, quando buscamos trabalhar em pesquisas com narrativas, não estamos apenas recolhendo condutas ou objetos, mas estamos interligados na elaboração de uma versão de lembrança que irá se transmitir, a partir de uma capturação do que já se ocorreu algum dia, ainda a autora nos convida a refletir que, ao retratarmos do estudo autobiográfico, estamos participando (investigador) de uma (re)construção, sendo explicitada pela mesma, como a forma máxima de implicação entre quem está contando e a pessoa que está transcrevendo estas narrativas (ABRAHÃO, 2003).

Postas estas reflexões, torna-se importante mais produções voltadas a contar histórias das mulheres que habitam/habitaram no campo, que envolvam e abracem o protagonismo feminino neste espaço, possibilitando reverberar de maneira coletiva ou individual relatos que fazem parte da constituição campesina, unindo histórias ou interconectando-as e possibilitando a criação de processos de identificações (entre o lembrar, dizer e o viver).

Ações como estas de narrativar, principalmente neste contexto das mulheres do campo, possibilitam a construção de saberes, proporcionam o compartilhamento de vivências e incentivam a romper modelos patriarcais que estão ainda enraizados em nossa sociedade. Estes estudos sobre trajetórias de diferentes vidas, tornam-se teias complexas, pois trazem diversos assuntos à tona e que devem ser debatidos e dialogados, pois interligam as relações de trabalho, de gênero, da constituição sobre mulher e mulher do campo em diferentes temporalidades.

E nestas diferentes temporalidades e conexões que podem ser realizadas a partir destas vivências e experiências de mulheres campesinas quando compartilhadas, é que se valoriza a pluralidade e a subjetividade, ganhando

visibilidade em suas lutas por direitos, aumentando cada vez mais esta teia de conexões entre mulheres, fortalecendo a união da figura feminina, encorajando, motivando outras mulheres a contar suas vidas e suas verdades, a lutarem por uma vida melhor, com respeito igualitário entre os gêneros, sendo agentes em diversos espaços públicos/privados de nossa sociedade e sendo donas e protagonistas de suas histórias.

Logo, a escolha em trabalhar com narrativas é rememorar através de memórias e fragmentos do tempo, implica na compreensão entre as emoções e razões, das risadas e dos silêncios, das lutas espinhosas e vitórias/avanços na trajetória de cada indivíduo. Para Foucault (2021, p.19) "Contínuas e descontínuas narrativas se dobram em realidades confusas, híbridas, nas quais o humano é um artefato histórico e cultural que atravessa, despedaça, subordina, (trans)figura e autoriza formatações".

Nesta mesma linha de pensamento, onde o Michel Foucault destaca em seu texto, sobre o quanto nós seres humanos possuímos diversas realidades, somos seres únicos e históricos, com diferentes culturas, lembranças e personalidades, é possível refletirmos através de suas palavras que, as narrativas são convites para nos aventurarmos por caminhos desconhecidos, onde apresentam diversas configurações temporárias.

E são através destas configurações temporárias que o autor destaca e compara as narrativas como

“mergulhar em um rio de múltiplas correntezas de discussões, onde de maneira transversal, são levados por uma canoa das narrativas do objeto de estudo, passando-se a dar-se mais profundidade de maneira gradativa, mesmo se este beirar científico enfrenta nos dias atuais sinuosidades das relações conceituais que precisam versar na limpidez do que nossos autores concordam ou discordam” (FOUCAULT, 2021, p. 65).

Contudo, insta ser destacado algo que causa desconforto e que merece ser refletido, de acordo com Santos (2017), a produção de trabalhos voltados para este âmbito de narrativas (auto)biográficas e biográficas, nos últimos tempos, quem detém maior escala em produções e publicações desde a ditadura militar (antes e depois), é o público masculino, ou seja, os homens são os autores, narram suas próprias experiências e a de outros homens, e muitas vezes os homens que representavam as mulheres.

Diante da esteira do conhecimento sobre a produção de narrativas nos últimos tempos, a autora Margareth Rago (2013), traz um olhar bastante contribuidor sob o entendimento das produções autobiográficas e biográficas, a mesma destaca em seus textos que este método é um gênero literário que carrega uma tradição masculina, desde a antiguidade e, que é visível a invisibilidade do público feminino nestas produções voltadas em contar narrativas autobiográficas/biográficas sobre as mulheres, ressalta ainda que é mais fácil encontrarmos livrarias, publicações, arquivos e bibliotecas com produções narrativas autobiográficas e biográficas produzidos e voltados para o público masculino, sendo este por vezes superior em comparação a escritas produzidas por mulheres, e ainda aponta, mais raramente focalizada com esta perspectiva feminina quando são encontradas.

E como possível explicação ou hipótese para esta ausência e silêncio de produções femininas neste âmbito, a autora argumenta que na maioria de produções masculinas encontradas neste gênero literário, os homens abordam a celebração da vida coerente e unitária de um sujeito exemplar e inabalável, já quando este cenário é voltado para as mulheres, é caracterizado pela fragmentação, descontinuidade e há a tendência em se colocarem em segundo plano em relação à sociedade, logo, ocorrendo uma intimação, inviabilizando o seu interesse em narrativar suas próprias histórias e suas vivências.

Outra possível explicação mencionada, é a desvalorização de suas experiências retratada pela sociedade opressora, como uma maneira de vitimização das mulheres, e nesta sociedade onde os homens se colocam sempre em primeiro plano, destacando de maneira enfática que suas vivências de sofrimentos e dores são superiores quando comparado às experiências das mulheres.

Afinal, nós mulheres desde muito cedo fomos ensinadas sobre a maternidade, e tacidamente a não cuidarmos de nós mesmas, ensinadas a nos consideramos como o sexo frágil, a nos esquecermos de nós mesmos e a cuidar apenas dos outros, como a própria autora menciona, somos convidadas a “Renunciar ao exame da própria existência” (RAGO, 2013, p 49).

O processo de exclusão das mulheres das narrativas históricas determinou tanto a escassez de obras femininas, em comparação com as masculinas, como também sua falta de transmissão. Nunca é demais enfatizar como é importante a transmissão de um legado para a geração seguinte. Assim, trata-se não só de descobrir o passado, mas também da descoberta de novas formas de relacionar-se com ele e de transmiti-lo (TELLES, 2007, p. 2).

Sob este aspecto, torna-se imprescindível e impreterível mais produções que abracem a perspectiva feminina, contando relatos de mulheres nos mais variados espaços-tempo, pois como mencionado acima na citação, quando narrativamos as memórias vivenciadas, estas não irão servir apenas para relembrar o passado, mas é possível transmitir legados, experiências, novas ações para situações diversas, principalmente problemáticas atuais, passadas e futuras, também compreender a constituição do eu-mulher, estudar e compreender medos, anseios e relembrar memórias felizes que fazem parte de cada mulher.

Este entrecruzamento entre as narrativas e as memórias de mulheres, principalmente no que se aborda neste trabalho, sobre as mulheres do campo, sejam aquelas que habitam ou já habitam o ambiente rural, tornam-se essenciais como objetos de estudo, isto pelo fato de que, é possível realizar diversas articulações sobre esta temática. Possibilitando auxiliar na construção e entendimento sobre os muitos significados de memórias existentes, no reconhecimento da mulher campesina e suas memórias trazidas a partir de relatos de suas bagagens ao longo da vida.

Desta maneira, quando rememoramos memórias através das narrativas, estamos de certa forma, sendo testemunhas sobre diversos acontecimentos históricos, sejam eles dolosos ou prazerosos, abrimos uma caixa de recordações que irão nos conduzir por inúmeros caminhos, abrindo novos horizontes, neste leque de possibilidades e diversidades de histórias que o ambiente rural apresenta e possui, sob a ótica da constituição de cada mulher, mulher (do) e (no) campo, sob a minha própria visão como mulher, mulher que se reconhece do campo e que também apresenta muitas memórias a se contar e recordar, a fim de buscar e lutar pela eternização destas lembranças e de outras diversas mulheres campesinas, perpetuando nossos legados para as próximas e atuais gerações.

3.2 Memórias e mulheres do campo

“A vida é um traçado irregular de memórias no tempo. Quero que, como inventário do vivido, meu corpo tenha as marcas de todas as histórias que fizeram de mim o que sou. E, se meus netos e bisnetos forem me contar, espero que jamais cheguem a qualquer conclusão fechada sobre a minha identidade. Esta seria a maior prova de que vivi” (BRUM, 2013, p.155).

Das inúmeras possibilidades de ressignificar nossas histórias, a autora Eliane Brum destaca a relevância de contarmos nossas histórias ao mundo, “De fato, há uma só existência. Mas são várias as possibilidades de narrativas dessa mesma existência” (BRUM, 2013, p. 35).

O envolvimento social de compartilhamento e busca por direitos faz com que as mulheres se sintam fortalecidas, passem a se reconhecer, a ser e ter sua multiplicidade no mundo. Para Sales (2007), o sonhar e o desejo por liberdade contagiam outras mulheres na busca por seus desejos.

A partir desta compreensão de que a união entre as mulheres se torna ainda mais potencializada por meio do compartilhamento de suas histórias de vida, é que conseguimos romper gradativamente o silêncio enquanto mulheres. Sendo por meio destes fragmentos de memórias que, quando compartilhados, podem servir de motivação e inspiração para histórias de vidas de outras mulheres, que vivenciaram experiências iguais e até semelhantes.

E tecer esta “costura” e “colcha” de retalhos, unindo experiências e vivências entre mulheres, que se torna possível acolher as suas integralidades, escutar fatos vividos, construindo juntas, caminhos para enfrentar problemáticas antigas, atuais e futuras que venham a surgir. Quando nos atentamos e acolhemos as memórias que cada mulher carrega em sua bagagem, conseguimos compreender a existência da manifestação do feminino coletivo, podendo enriquecer as nossas estratégias de enfrentamento no nível macro (PAULA, 2017).

Quando postas estas questões iniciais sobre 'memórias', quando lançamos mão através do dicionário sobre o seu conceito, para uma melhor compreensão, são identificadas inúmeras definições para esta terminologia, mas a principal encontrada é apresentada como: “A *faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos*”⁷, ou através da definição

⁷ Segundo o Dicionário Léxico (2018): Uma das acepções compreendidas como memórias.

da Psicologia como: *A Função geral que consiste em reviver ou restabelecer experiências passadas com maior ou menor consciência de que a experiência do momento presente é um ato de revivescimento*⁸.

Como dito, ao se pesquisar sobre o significado real sobre o conceito de memórias, são apresentados na internet inúmeros termos e publicações para a sua definição e isso também é apontado para esta mesma palavra ao ser pesquisado no dicionário, com infinitas interpretações.

Diante deste relance, à luz sobre memórias, Souza (2016), em sua compreensão, condiz que, lembranças vão muito além de meras repetições de tradições, e que o nosso cotidiano está inundado por entendimentos de memórias, sendo possível produzir novas histórias a cada dia. A autora ainda traz uma importante colocação sobre memórias:

Nossas memórias são armazenadas e ativadas de diferentes maneiras, por meio de todos os nossos sentidos. A memória está no tato, no olfato, na visão, na audição e no paladar. Vivemos em uma época em que a visão é super explorada, e parece que nossa memória somente é ativada quando temos acesso a uma imagem. A visão é um importante sentido, mas nossa memória não é feita apenas de coisas que podemos ver. Ela é palpável, ela tem som, tem sabor e tem cheiro (SOUZA, 2016, s/d).

Logo, quando nos reportamos sobre as memórias de mulheres que residem ou já residiram no meio rural, podemos ter uma pequena ideia, mas sobretudo, não conseguimos medir a quantidade de histórias existentes, isto pelo fato de que, são incalculáveis as lembranças que podemos encontrar. E quando procuramos trabalhar com narrativas, sob esta lente da diversidade de mulheres do campo, podemos utilizar inúmeras ferramentas que poderão despertar este encadeamento de memórias, memórias estas podendo ser positivas ou negativas, mas acima de tudo, memórias que necessitam-se serem ouvidas, respeitadas e compartilhadas, pois quando (re) contadas acabam por expor lembranças, emoções e experiências.

Ainda a autora traz uma importante contribuição de que, uma memória ela não é apenas individual, mas é coletiva, e quando é abordada no contexto feminino, contribui para uma sociedade de mulheres que já se reuniram no passado, que estão se reunindo no presente e que irão se reunir no futuro, e que isso, leva a ação, lança desafios, traz a sustentação do cotidiano e a não intimidação do novo (SOUZA, 2016).

⁸ Conforme o Dicionário Houaiss (2001): Uma das noções compreendidas como memórias através da Psicologia.

E nesta transfiguração especificamente sobre as mulheres camponesas, não se trata apenas de descobrir novas histórias, mas sim de prestigiar as histórias dessas mulheres que já presenciaram e vivem todos os dias situações diversas e adversas. Sendo este local “o campo”, um ambiente que já passou e precisa ainda avançar por muitas transformações, para finalizar muitos ciclos repetitivos e viciosos de hábitos de opressão da sociedade conservacionista e, iniciar novas trajetórias em que as mulheres sejam ainda mais encorajadas a contar suas histórias, a serem ouvidas e serem a personagem principal de suas próprias vidas.

A autora Belmira Bueno aponta que as narrativas tornam-se uma alternativa na compreensão de diversos aspectos pessoais, culturais e sociais, cita que: “O prazer de narrar-se favorece a constituição da memória pessoal e coletiva inserindo o indivíduo nas histórias e permitindo-lhe, a partir destas tentativas, compreender e atuar (BUENO, 2002)”.

Neste fio condutor sobre memórias femininas que guia este trabalho desde o início, especificamente das mulheres camponesas, faz-se e torna-se fundamental a recuperação de memórias na escrita da história das mulheres, e esta importância se dá pelo motivo que já foi mencionado anteriormente, onde as mulheres eram excluídas e negadas por muito tempo a expor e compartilhar suas histórias, seus desejos e seus espaços, sendo reservado por muito tempo (até recentemente), um lugar social de exclusão e opressão. Sendo este espaço exclusivo aos homens, como uma atividade privilegiada em contar seus relatos à sociedade.

Sendo este âmbito do domínio da memória, baseado em uma ordem social estreada em um detrimento de comando masculino sob o modelo feminino, como uma maneira de convivência entre os grupos sociais a partir de uma hierarquia (LUNZ, 2017).

Michelle Perrot direciona e destaca que o quadro evolutivo da história documental, define um estatuto que impõe um silêncio para as memórias das mulheres, acrescenta ainda uma importante contribuição que “As memórias das mulheres são vestidas” (PERROT, 2008, p.39). Também a mesma apresenta uma frase muito reflexiva “No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues” (PERROT, 1989).

Neste contexto, a própria autora convida-nos a refletir sobre o quanto as narrativas históricas tradicionais reservam pouquíssimo espaço para nós mulheres, não só pelo simples fato de que, era nos renegado até o direito ao espaço público recentemente, mas porque também éramos silenciadas e tínhamos apenas o direito da atribuição do cuidado do lar, na educação dos filhos, um papel de invisibilidade em nossa sociedade, já ao homem o direito ao espaço público, sendo possível sua presença marcada em diversos setores no mundo dos negócios, enquadrando-se ao papel da visibilidade e tendo a mulher como seu objeto de pertence, como obrigação de servir a sua família e ao marido - Silenciada (PERROT, 2008).

Com este sentido, a autora ainda aponta, que quando trazida à tona todas as desigualdades existentes entre os gêneros, que quando apresentando e encorajado o contar-se de cada mulher, da ação de ouvir, ser escutada e falar, cada vez mais vir à tona as memórias femininas é possível uma reconstituição da história.

A partir desta reconstrução histórica feminina dita, também é possível uma reconstrução de fatos transcorridos que estão guardados em nossa consciência ou subconsciência, fatos estes que muitas vezes são esquecidos por nossa sociedade, por nós mesmos enquanto mulheres, memórias estas que cada mulher carrega em si, como uma marca ou uma cicatriz, alegre ou dolorosa, que constitui-se o próprio eu-mulher, o próprio eu-mulher-do-campo.

Segundo a autora Granchi (2021), quando recordamos acontecimentos estamos vivendo. E nesta vivacidade dos fatos do lembrar-recordar, diversos fatores irão influenciar, como um gatilho para memorarmos nossos momentos vivenciados ou compartilhados, sendo a memória, subjetivas, particulares ou compartilhadas.

Pois como sabemos nas diversas relações sociais que realizamos ao longo de nossas vidas, acabamos por gerar lembranças de momentos/fatos, e muitas vezes estas memórias podem ser transmitidas entre as gerações, através de trocas de vivências e experiências com nosso círculo de amigos, familiares ou conhecidos.

A relação dialética sujeito, cultura e história possibilita a manutenção do ser humano, sendo essas instâncias produto e produtora uma da outra, tendo a memória papel articulador e construtor da sociedade, das ciências e das artes. Percebe-se que a construção da memória vai além dos aspectos individuais, pois englobam as manifestações coletivas, desse modo a memória do coletivo contribui para emoldurar a memória individual. Por isso, a importância das relações sociais, nas quais a memória atua como mediadora da transmissão dos conhecimentos entre diferentes gerações (GALVÃO ET AL., 2020, p.08).

Neste contexto, sendo cada memória algo único, pessoal e muitas vezes memórias adquiridas por resultado de compartilhamentos, é que sabemos que as memórias podem ter diferentes entendimentos, acabam auxiliando neste segmento na intensificação do protagonismo feminino.

Nestas diversas noções, compartilharei aos leitores deste trabalho, fragmentos de memórias pessoais/compartilhadas de maneira breve, como exemplo nesta sessão de noções de memórias. As nossas memórias, podem possuir muitas acepções como para mim, uma feijoada ao fogão à lenha, realizado por minha avó materna/paterna; a lembrança da construção da famosa casa na árvore; ou o cocho de sal do gado que virava um barco; o tempo para chuva, que significava automaticamente, o reencontro da família na cozinha, a fim de experimentar um bom café passado, com compotas, bolachas caseiras e um delicioso bolo de milho, sendo nesta lembrança, recontados causos antigos perpassados pela minha família por gerações; vivências recontadas a mim mesma de minha avó materna com sua família, histórias de violências, opressões e injustiças experienciadas como mulher do campo (motivo e inspiração para a criação deste trabalho sobre memórias); experiências pessoais que obtenho em relação ao comércio, vivenciando preconceito por ser mulher, por entender o trabalho rural e, por possuir uma trajetória acadêmica nesta área. A vista disso, são diversas memórias alegres e acontecimentos que causaram-me cicatrizes permanentes que estão gravadas e que constituem a mulher-pesquisadora- mulher do (do) campo que sou hoje.

Nesse sentido, são diversos tipos existentes de memórias que criamos - compartilhamos ao longo de nossas vidas, memórias estas que acabam sendo silenciadas e engavetadas por medo, vergonha, traumas ou até mesmo por não achar conveniente contar relatos pessoais.

Compreendida a importância na recuperação de nossas memórias, pode-se instigar mais publicações e estudos que trabalhem com narrativas, não apenas com relatos orais, mas abordando e detalhando na escrita, retomando e favorecendo a compreensão dos múltiplos processos que poderão se formar a partir de cada história. O ato de produzir mais trabalhos com este viés narrativo focalizado em contar memórias das mulheres do campo, é uma ferramenta de extrema relevância no contexto do feminismo. Outro aspecto, é da aproximação que se desenvolve entre o pesquisador e pesquisado, possibilitando a construção de diferentes

compreensões no que se refere sobre as nossas experiências/ memórias (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015).

Ao refletirmos sobre este cenário como um todo, consideramos que é a possibilidade de rememorar memórias, sejam elas positivas ou memórias tristes, pode auxiliar na construção da própria identidade enquanto mulher, no desenvolvimento e no entendimento de aspectos culturais e históricos de uma sociedade. Neste âmbito, de caminhada constante, repleta de caminhos e pautas, permanece a busca constante por liberdade, democracia e autonomia, especialmente, enquanto mulheres, mulheres rurais.

4. Mulheres rurais: o contexto das macrorregiões do Brasil

Para a análise dos dados, foram analisadas todas as Instituições Federais selecionadas por macrorregiões (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte), através da soma de todos os trabalhos produzidos nos últimos cinco anos (2018 a 2022). Destes trabalhos por região foram encontrados em sua totalidade 1.111, chegando-se ao resultado abaixo:

- Região Sul (UFSC): 511 trabalhos;
- Região Sudeste (UFRRJ): 202 trabalhos;
- Região Centro-Oeste (UFMS): 129 trabalhos;
- Região Norte (UFT): 245 trabalhos;
- Região Nordeste (UFRB): 24 trabalhos.

A partir desta identificação por macrorregiões, procedeu-se para uma análise mais detalhada, desta soma, foram selecionados apenas os trabalhos que têm relação com a temática desta pesquisa, observando como critério de seleção: título, palavras-chave, resumo e trabalho como um todo (leitura), foram encontrados os seguintes trabalhos, conforme tabela a seguir:

Tabela 2: Levantamento dos estudos acadêmicos voltados à produção de memórias de mulheres do campo, mulheres rurais:

Nº	ANO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR (RES)	REGIÃO (LOCAL, CIDADE, ESTADO)	INSTIT.	Natureza
01	2018	A busca pela ascensão feminina no PDS Virola Jatobá, Anapu-PA.	Ana Ruth dos Santos Chaves; Roberta Rowsy Amorim de Castro; Andreia de Menezes.	Região Sul: Florianópolis (SC).	UFSC	Artigo em periódico.

02	2020	A divisão sexual do trabalho no campo sob a Perspectiva da juventude camponesa.	Sônia Fátima Schwendler.	Região Sul: Florianópolis (SC).	UFSC	Artigo em periódico.
03	2021	Trilhas e saberes compartilhados no feminismo no rural: entrevista com Verônica de Santana.	Raquel Oliveira Lindoso; Elaine Mauricio Bezerra.	Região Sul: Florianópolis (SC).	UFSC	Artigo em periódico.
04	2021	"Da Igreja à luta": trajetórias políticas de mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná.	Aline Maiara Demétrio Santos; Josiane Carine Wedig; Hieda Maria Agliosa Corona .	Região Sul: Florianópolis (SC).	UFSC	Artigo em periódico.
05	2021	Modos de trabalhar e modos de subjetivar na agricultura familiar no sul do Brasil.	Rita de Cássia Maciazeki-Gomes; Maria Juracy Filgueiras Toneli; Maria da Conceição de Oliveira Carvalho Nogueira; Giovana Ilka Jacinto	Região Sul: Florianópolis (SC).	UFSC	Artigo em periódico.

			Salvaro.			
06	2018	Mulheres com enxadas e lápis na mão: histórias de professoras primárias no meio rural sergipano (1930-1950).	Rony Rei do Nascimento Silva; Ilka Miglio de Mesquita.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
07	2018	Práticas de leitura e escrita de mulheres camponesas: reflexões a partir de algumas histórias de apropriação.	Sônia Maria Alves de Oliveira Reis; Carmem Lúcia Eiterer.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
08	2018	Trajetórias de mulheres camponesas no Espírito Santo: permanências e discontinuidades.	Deiviani de Oliveira; Luan Eudair Bridi; Miriã Lúcia Luiz Regina Godinho de Alcântara. - Oliveira et al.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
09	2018	Mulheres, trabalhos e histórias: uma análise das trajetórias de vida em uma Comunidade Teuto-Brasileira do RS.	Tatiana Souza de Camargo; Muriel Closs Boeff.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.

10	2018	Problematizando o trabalho invisível das mulheres e a divisão sexual de trabalho no campo: uma parceria entre educação popular e feminismo.	Carla Negretto; Márcia Alves da Silva.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
11	2018	Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas.	Michela Calaça; Isaura Isabel Conte; Catiane Cinelli.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
12	2020	Trabalhando as relações de gênero e as histórias das mulheres nas práticas docentes.	Janine Corrêa Gomes; Graziela Rinaldi da Rosa.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
13	2021	Trajetórias de mulheres camponesas: a luta pela educação.	Elizabeth Moreira Gomes.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
14	2022	A participação das mulheres na Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária do Território Inhamuns e Crateús - Ceará.	Ydávila Vasconcelos Martins; Lia Pinheiro Barbosa.	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.

15	2022	Êxito social, história de vida e formação de uma mulher de sítio.	Francinilda Honorato dos Santos; Ana Lúcia Oliveira Aguiar; tenio de Brito Fernandes;	Região Norte: Tocantinópolis (TO).	UFT	Artigo em periódico.
16	2018	Mulheres da Chapada do Araripe- Agroecologia e Empoderamento.	Rosimeire Alves de Oliveira.	Região Sudeste: Seropédica, (RJ).	UFFRJ	Dissertação
17	2019	Narrativas e Experiências: A prática da Extensão Rural Agroecológica no Processo de Formação das Jovens Amazonenses.	Silvia Machado Citrini.	Região Sudeste: Seropédica, (RJ).	UFFRJ	Dissertação
18	2019	Lugar de mulher é na pesca: o olhar de uma marisqueira em Farol de São Thomé, Campos dos Goytacazes, a partir do PEA Pescarte.	Mônica do Nascimento Brito.	Região Sudeste: Seropédica, (RJ).	UFFRJ	Dissertação

19	2019	Quintais produtivos como elementos de educação contextualizada ao semiárido cearense: saberes e fazeres.	Aláide Régia Sena Nery de Oliveira.	Região Sudeste: Seropédica, (RJ)	UFFRJ	Dissertação
20	2020	A educação do campo como ferramenta pela permanência na terra – a experiência de Campo Alegre.	Sônia Ferreira Martins.	Região Sudeste: Seropédica, (RJ).	UFFRJ	Dissertação
21	2020	Sertão: A flor de Licuri As escritórias das mulheres -Mães do Subaé e a Educação do Campo.	Kelly Santiago Oliveira.	Região Nordeste: Amargosa (BA).	UFRB	Dissertação
22	2020	À sombra da mangueira: relatos das mulheres-mães de alunas/os de uma escola nucleada na cidade de Guanambi- BA.	Vanessa Dias de Lima.	Região Nordeste: Amargosa (BA).	UFRB	Dissertação

23	2021	As experiências de mulheres negras camponesas do assentamento da fazenda Sururu de Queiroz de Varzedo/BA: escutas, disputas e composições de investimentos descoloniais na educação do campo.	Alane Santos do Nascimento.	Região Nordeste: Amargosa (BA).	UFRB	Dissertação
----	------	---	-----------------------------	---------------------------------	------	-------------

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Destes 1.111 trabalhos encontrados nas macrorregiões, foram identificados 23 trabalhos voltados para a temática desta pesquisa, nos respectivos anos, correspondendo a 2,07% da produção total. A seguir apresenta-se o assunto de cada trabalho identificado e seus procedimentos metodológicos.

O artigo nº 01, intitulado de “A busca pela ascensão feminina no PDS Virola Jatobá, Anapu-PA” (CHAVES; CASTRO e MENEZES, 2018), aborda um olhar motivador sobre as mulheres da cidade de Arapu. Desenvolvem o projeto PDS - Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Trata da representatividade das mulheres agricultoras desta localidade em diversas atividades sociais, econômicas e produtivas. A pesquisa retrata um contexto amplo de discussões, contando as experiências/vivências destas mulheres. Na metodologia, caracterizada como quantitativa e qualitativa, foram entrevistadas dezoito mulheres agricultoras, com questionário semiestruturado que direcionam perguntas exploratórias específicas, voltadas para a vida das participantes (fatores familiares, participação na comunidade/família, atividades desenvolvidas). São apontados resultados promissores dos dados coletados das entrevistas (transcrições), apontam que as mulheres desta localidade estão atuando em busca da sua representatividade em variados setores. Traz à tona a necessidade de mais políticas públicas no ambiente rural e mais trabalhos voltados para esta temática em contar histórias.

No trabalho nº 16, “Mulheres da Chapada do Araripe - Agroecologia e Empoderamento” de Oliveira (2018), buscou-se compreender e observar se estas mulheres reconhecem o seu empoderamento a partir das atividades que

desenvolvem em sua propriedade/comunidade (práticas agroecológicas). Como aporte metodológico, foram selecionadas dez mulheres trabalhadoras rurais da região, com entrevistas semiestruturadas e abordagem qualitativa. Os resultados obtidos nesta pesquisa, procederam-se com a análise e organização de todos os materiais coletados, com a transcrição das entrevistas, relatórios das observações e análise de documentos, juntamente com a consulta em demais fontes para auxiliar na discussão. Aponta variações de acordo com cada mulher e localidade em suas narrativas, com distintas percepções sobre o empoderamento feminino. Apresentando trechos com relatos destas mulheres, opiniões e memórias pessoais, sendo destacado a participação frequente em eventos dentro e fora da comunidade, também relatos diante a muitos obstáculos perpassados em suas vidas.

Silva e Mesquita (2018), em seu artigo nº 06, “Mulheres com enxadas e lápis na mão: histórias de professoras primárias no meio rural sergipano (1930-1950)”, apresenta histórias de vida de dezessete professoras aposentadas, que buscaram conciliar a família, emprego, atividades do meio rural, preconceitos e desigualdades. Utilizou-se como metodologia a história oral, por meio de narrativas destas entrevistadas, analisando elementos prescritivo-normativos dos regulamentos educacionais que refletem aspectos da história de vida dessas professoras. Tendo como resultado diversos diálogos e relatos, mas que em todas pode-se perceber a diversidade de histórias e cotidianos, a ausência de auxílio do Poder Público no meio rural, principalmente no setor da educação. As memórias rememoradas neste trabalho, apontam que em meio a muitas adversidades, estas mulheres desempenharam um imprescindível papel na institucionalização do ensino primário em Sergipe e que suas histórias agora, estão eternizadas na pesquisa através de suas narrativas.

Em “Práticas de leitura e escrita de mulheres camponesas: reflexões a partir de algumas histórias de apropriação”, artigo nº 07, de Reis e Eiterer (2018), é debatida em sua pesquisa, discussões frente às práticas de leitura e escrita de mulheres camponesas que apresentam pouca escolarização, contudo apresentam liderança em sua comunidade, nas CEBs⁹. A pesquisa indaga, como é realizado as estratégias para a leitura/escrita. A metodologia de cunho qualitativo, consistiu em analisar a trajetória de seis mulheres campesinas, através da análise de dados mediante a utilização de história oral, diário de campo, constituído a partir dos

⁹ CEBs: (Comunidades Eclesiais de Base, da Diocese de Caetité/BA).

eventos de letramento observados decorridos na CEBs. Os resultados revelaram que as participantes, encontraram abrigo em meio a muitas dificuldades de suas vidas, compartilhando alguns fragmentos de memória destas situações vivenciadas nos encontros sociais. Tornando este local de encontros, um espaço formativo para as demais mulheres, utilizando a escrita e a leitura impressa como ferramenta essencial nos encontros, fomentando de forma gradual o empoderamento destas mulheres e, conseqüentemente, na motivação de contar suas memórias por meio da leitura e escrita.

Oliveira et Al (2018), abordam em seu artigo nº 08, titulado como “Trajetórias de mulheres camponesas no Espírito Santo: permanências e discontinuidades”, um estudo sobre as trajetórias das mulheres do campo no Espírito Santo no período de 1930 a 2017, repontando dificuldades/lutas, trajetórias pessoais, suas representações em diferentes espaços e como a educação estava inserida em suas vidas. Tendo como metodologia, a utilização de narrativas e discursos de quatro mulheres camponesas capixabas que estão materializados nos Cadernos da Realidade dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo/UFES, sendo estes transcritos posteriormente. A partir das análises é apontado as histórias destas mulheres, com suas permanências e discontinuidades, recontando as inúmeras opressões e injustiças sobre a desvalorização econômica e profissional que experienciaram. Apresenta noções de memórias ao longo do texto, trazendo a importância de contar, recontar ou rememorar suas experiências nos variados espaços/tempos domésticos, políticos, culturais e sociais, visibilizando a luta destas mulheres através de seus relatos, a fim de contribuir no histórico do feminismo.

Em “Mulheres, trabalhos e histórias: uma análise das trajetórias de vida em uma Comunidade Teuto-Brasileira do RS de Camargo e Boeff (2018), artigo nº 09, discute importantes assuntos em duas pesquisas realizadas em um mesmo município de colonização alemã, localizado na Encosta da Serra Gaúcha/RS. As duas pesquisas usaram como metodologia ferramentas etnográficas, utilizando a entrevista narrativa e também por meio de observação registrando em um diário de campo, analisadas de maneira combinada. Ambas pesquisas trazem as experiências das mulheres participantes através de suas narrativas, onde os relatos destacam a participação destas mulheres em contextos profissionais e familiares, contando as suas trajetórias de vida, também vivências na compreensão sobre o diagnóstico de depressão em que algumas destas mulheres já enfrentaram. Logo este trabalho está

diretamente ligado sobre a importância de contar vivências, experiências, como modo de superação, apresenta os inúmeros nuances no meio rural encontrados ao longo de cada relato.

Negretto e Silva (2018), no artigo nº 10 intitulado “Problematizando o trabalho invisível das mulheres e a divisão sexual de trabalho no campo: uma parceria entre educação popular e feminismo”. As autoras trazem em seu artigo importantes contribuições sobre as lutas ocorridas ao longo do tempo no ambiente rural, principalmente sobre as desigualdades de gênero no trabalho no campo. A metodologia consiste na pesquisa-ação, tendo a coleta de dados contemplando a observação participante, desenvolvendo oficinas artesanais, rodas de conversa, anotações em diário, fotografia, a fim de discutir sobre questões de gênero, trabalho e empoderamento feminino no meio rural. Este artigo apresenta trechos das protagonistas que rememoram momentos de desigualdades vivenciadas, ensinamentos perpassados que marcaram suas vidas, finalizando com importantes colocações da necessidade de mais trabalhos voltados em contar histórias das mulheres do campo e que trabalhem a importância da igualdade de gênero.

Balança, Conte e Cinelli (2018), em seu artigo nº 11, “Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas”, trouxeram uma significativa e necessária discussão sobre o processo de construção do Feminismo Camponês e Popular no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Como metodologia realizada, utilizou-se a pesquisa participante e a pesquisa-ação por conta da inserção direta com as autoras deste movimento, participantes há mais de quinze anos. Como resultado realizaram diálogos entres dissertações, teses encontradas. Este trabalho destaca a importância da coletividade e identidade feminina, a partir destas organizações realizadas por mulheres camponesas, articulando suas vivências e experiências, descobrindo e redescobrando novas histórias, compartilhando lutas e lutando cada vez mais pelos direitos das mulheres camponesas, o artigo aborda diversas discussões, não apresenta o conceito específico sobre noções de memórias, mas retrata a necessidade do compartilhamento de contar histórias vividas e a busca por direitos das mulheres do campo.

O trabalho nº 17, “Narrativas e Experiências: A prática da Extensão Rural Agroecológica no Processo de Formação das Jovens Amazonenses”, de Citrini (2019), busca investigar através de narrativas de cinco jovens alunas do curso

Integrado em Agropecuária do Instituto Federal Farroupilha, Campus Tefé, que participaram do desenvolvimento do Projeto de extensão “Mulheres da Floresta”. Visando neste trabalho, compreender as experiências que estas narram sobre a participação neste projeto. A metodologia deu-se predominantemente qualitativa, utilizando como ferramenta a entrevista semiestruturada, a análise de conteúdo de discursos/conteúdos, utilizando critérios neste processo na elaboração, divididos por lócus de temáticas, sob os pressupostos da análise de conteúdo. As entrevistas tiveram como foco, o acesso das memórias e aos elementos narrativos. Como resultados foram estudados os relatos das cinco entrevistadas, lembranças de vida e a respeito do projeto. Esta pesquisa apresentou diversas discussões, e possibilitou a aproximação com outras realidades femininas, tendo variados diálogos entre a pesquisadora/entrevistadas, trazendo a diversidade existente entre mulheres e suas histórias no meio rural.

Em “Lugar de mulher é na pesca: o olhar de uma marisqueira em Farol de São Thomé, Campos dos Goytacazes, a partir do PEA Pescarte”, a autora Brito (2019), trabalho nº 18, refere-se em seu trabalho sobre a vida de uma marisqueira que, participa ativamente do Projeto de Educação Ambiental Pescarte, conta suas histórias e suas trajetórias de vida, trazendo elementos que se dialogam entre a entrevistada e o projeto. A metodologia é caracterizada qualitativa, pesquisa documental e bibliográfica, onde procurou-se contar a história da participante e do projeto. Como dados resultantes, foi relatado o quanto projeto auxiliou em sua vida, principalmente na representação feminina no pescado, o qual ainda é inferior comparado ao público masculino, conta relances de superação, aponta o quanto a questão da Gestão Ambiental Pública e da Educação Ambiental Crítica promovida pelo projeto favoreceu o seu desenvolvimento em diversas áreas de sua vida. Descreve o quanto trabalhos desta dimensão, possibilitam romper os paradigmas gradativamente, pois incentiva o compartilhamento de histórias e traz motivação para outras mulheres e suas múltiplas realidades.

Oliveira (2019) em sua pesquisa nº 19, “Quintais produtivos como elementos de educação contextualizada ao semiárido cearense: saberes e fazeres”, traz a luz sobre “Os Quintais Produtivos” enquanto Unidades de Produção Familiar. Esta pesquisa, aborda múltiplas discussões acerca de realidades/experiências distintas do cotidiano das famílias de agricultores e agricultoras, estudantes e profissionais Técnicos em Agropecuária. A metodologia é de cunho qualitativo e quantitativo,

sendo utilizado como instrumentos de coleta de dados: rodas de debate, diários e notas de campo, transcrição das rodas de conversa e das visitas efetuadas, sendo utilizado como tratamento/análise de dados a utilização do discurso dos participantes durante o diálogo. Para este presente trabalho, considerou-se apenas a sessão “O Protagonismo das mulheres nas produções do quintal”, retrata memórias, experiências e vivências destas mulheres na comunidade e nos quintais produtivos, trazendo noções de memórias com as realidades das mulheres participantes, todavia, uma pesquisa bem enriquecedora para o contexto do feminismo rural.

No artigo nº 02 de Schwendler (2020), trazendo o título “A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa”, tem por objetivo compreender e analisar as trajetórias juvenis, sob a divisão sexual do trabalho no campo, analisando as histórias de vida dos alunos e suas famílias no ambiente rural. Para a realização desta pesquisa, contou-se como metodologia, as narrativas, com a interação coletiva, por meio de quatro etapas de oficinas pedagógicas realizadas entre 2015-2016, as narrativas a partir destas oficinas foram transcritas e analisadas. Os dados e resultados coletados, permitiram compreender diferentes vivências acerca dos impactos pedagógicos percorridos, sobre o conhecimento de gênero, também dos impactos do trabalho genderizado na socialização/formação dos jovens do campo, além dos múltiplos conflitos criados pelas diferenças geracionais e pelos regimes de gênero neste ambiente. O trabalho traz muitas discussões necessárias, expõe o cenário de tensões existentes sobre as famílias por conta da questão geracional, dialoga com as questões ainda existentes sobre o patriarcal no ambiente rural. Este trabalho não traz a denominação específica sobre memórias, mas é apontado no decorrer, relatos de memórias de jovens estudantes, especialmente histórias das mulheres jovens do campo que presenciaram muitas ocorrências neste contexto.

O trabalho nº 20, “A educação do campo como ferramenta pela permanência na terra – a experiência de Campo Alegre”, da autora Martins (2020), expressa experiências voltados para a Educação Popular em Campo Alegre, contando sobre o protagonismo feminino e relatos de vida da pesquisadora/autora do trabalho e também de uma educadora/ pesquisadora na década de 1980, a cerca de memórias compartilhadas entre as protagonistas da pesquisa, discute diferentes assuntos do decorrer do trabalho. Como metodologia, caracterizou-se o trabalho como pesquisa-ação, por conta da realização de atividades na formação continuada para

professores de diferentes localidades, locais estes, que ocorreram as experiências que estas pesquisadoras relatam a partir de suas memórias, retratando e desenvolvendo nesta pesquisa-ação muitas atividades educativas que apresentam como era a realidade naquele período (1980). Como resultados deste trabalho é apontado que muitos dos educadores participantes obtiveram trocas de experiências, principalmente na motivação do protagonismo da mulher-educadora no ambiente rural em desenvolver ações na esfera educativa em suas escolas, sendo motivado cada vez mais o desenvolvimento de contar suas memórias e histórias nestes espaços educativos.

Este trabalho seguinte, tornou-se inspiração inicial para o desenvolvimento desta pesquisa sobre memórias de mulheres do campo, trabalho elaborado pela Oliveira (2020), nº 21, em “ Sertão: A flor de Licuri: As escrevivências das mulheres - Mães do Subaé e a Educação do Campo. A autora relata e rememora histórias a partir da cultura de sua comunidade de origem e sobre o Licuri, aborda memórias de sua família, principalmente em memória de sua avó materna, trazendo vivências de superações, sobre o protagonismo da mulher do campo, sobre a maternidade, e suas visibilidades em diversos cenários, trabalho elaborado sob o contexto do Covid-19. A metodologia descrita como (auto)biográfica, a partir da dissertação da própria autora a qual transformou-se em um livro de memórias, utilizou-se a narrativa, entrevistas, fotografias e a escrita para a elaboração deste trabalho. Tendo como foco trazer a importância de contar histórias e memórias das mulheres, mulheres do campo e mulheres do campo-mães e pesquisadoras, sendo uma enriquecedora contribuição para os estudos da Educação do Campo.

Em “À sombra da mangueira: relatos das mulheres-mães de alunas/os de uma escola nucleada na cidade de Guanambi-BA”, nº 22, de Lima (2020), também retrata questões sobre a representatividade das mulheres do campo, focalizado nas dificuldades encontradas pelas mães do município de Guanambi/BA, por conta do fechamento de escolas e a nucleação escolar desta localidade, retratando sobre os direitos e a negação do Estado neste contexto. A metodologia considerada como qualitativa, usa o método cartográfico, também conversa/entrevistas, rodas de conversa com as colaboradoras-mães do campo. Como diálogo e resultados perante a pesquisa, foi observado o quanto há a presença de dificuldades destas mulheres para que seus filhos consigam ter acesso a escola, direitos estes que é dever do Estado garantir, apresenta nos relatos a resistência destas mulheres em assumir

papéis cansativos em sua comunidade/família. Todavia este trabalho apresenta inúmeros relatos dessas mães, onde abordam experiências e vivências do cotidiano e que, conseqüentemente repercutem a partir de suas memórias compartilhadas neste trabalho, como maneira de expor sua indignação e luta por uma Educação do Campo com melhores condições para seus filhos.

Gomes e Rosa (2020) em seu trabalho nº 12, “Trabalhando as relações de gênero e as histórias das mulheres nas práticas docentes”, apresenta sobre a necessidade de trabalhar o desenvolvimento de políticas públicas para as mulheres do campo, especificamente de mulheres da região de São Lourenço do Sul. Neste sentido, o trabalho retrata sobre a elaboração e relatos do I e II Seminários sobre Mulheres do Campo ocorridos nesta localidade do RS. Nestes dois seminários, elaborado com o intuito de promover-buscar pela diversidade e a especificidade de diferentes grupos de mulheres: pomeranas, agricultoras, pescadoras, ribeirinhas, negras, quilombolas e mulheres trans, e outras tantas, existentes no município. Nestes relatos, participou a comunidade e a comunidade escolar juntamente. Este artigo apresenta numerosas contribuições e discussões que foram realizadas nestes encontros, trazendo temáticas e pautas necessárias no contexto do feminismo - rural, onde as mulheres puderam compartilhar suas memórias, sendo um imprescindível momento de compartilhamento de saberes e espaço para a diversidade feminina debater temáticas urgentes e necessárias.

No artigo nº 03, intitulado “Trilhas e saberes compartilhados no feminismo no rural: entrevista com Verônica de Santana, das autoras Lindoso e Bezerra (2021), como o próprio título já adianta, o trabalho teve como objetivo relatar a entrevista semiestruturada da agricultora, agroecológica e assentada Veronica de Santana, onde a mesma apresenta em seus relatos sobre sua trajetória de vida como mulher agricultora, assentada e agroecológica em sua região, a entrevistada é uma importante ativista em lutas feministas na região do Nordeste brasileiro. O trabalho aponta importantes pautas no contexto feminino, principalmente na representação feminina no ambiente rural, juntamente a entrevistada aponta lembranças, experiências vivenciadas no decorrer de sua trajetória de lutas e movimentos sociais em prol do feminismo.

O artigo nº 04, das autoras Santos, Wedig e Corona (2021), “Da Igreja à luta”: trajetórias políticas de mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná”, busca evidenciar as lutas e vivências de duas mulheres agricultoras, trazendo

contribuições da Margareth Rago sobre a importância de narrativas e contar histórias a partir de nossas memórias, também é apontado questões sobre religião, política, opressões, aspectos culturais, fazendo com que os relatos das participantes articularem entre si com outros assuntos ao longo do texto. A metodologia utilizada foi entrevistas com narrativas semi estruturadas, foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Além disso, sendo obtido ao final do trabalho considerações relevantes acerca sobre as lutas e vivências das participantes, a frente de rememorar suas memórias e compartilhá-las como forma de motivação e superação para outras mulheres.

Gomes et al (2021), no seu artigo nº 05, “Modos de trabalhar e modos de subjetivar na agricultura familiar no sul do Brasil”, discutem importantes temáticas, acerca da agricultura familiar e do trabalho neste meio, a partir de narrativas de dezoito mulheres rurais com diferentes realidades. Utilizou-se como metodologia as ferramentas narrativas destas participantes, e contando com estratégias metodológicas utilizadas que obedeceram aos pressupostos da abordagem genealógica, seguindo uma perspectiva etnográfica. Nestas entrevistas foram trabalhados temas como propriedade - espaços da casa, movimentos sociais, trabalho, família dentre outros. Seguindo com resultados reflexivos sobre os desafios que estas mulheres encontraram e encontram diariamente, tratando também sobre questões políticas e a desigualdade de gênero, buscando compreender como estas mulheres compreendem os modos de trabalhar e de subjetivar a agricultura familiar, sendo uma pesquisa que visa incentivar outras mulheres agricultoras na visibilidade em todos os setores no ambiente rural e a lutar por direitos campo.

Nascimento (2021) em sua pesquisa nº 23, “As experiências de mulheres negras camponesas do assentamento da fazenda Sururu de Queiroz de Varzedo/BA: escutas, disputas e composições de investimentos descoloniais na educação do campo”, aborda diretamente a questão de memórias de mulheres negras rurais, abarca discussões urgentes e necessárias sobre o feminismo descolonial, opressões sofridas pelas mulheres negras, questões sobre gênero e raça, Educação do Campo, direcionando discussões ao longo sobre o racismo, biocapitalismo das ancestralidades e o sexismo. O trabalho traz como metodologia caracterizado como uma pesquisa qualitativa, utilizando as narrativas das mulheres negras camponesas por meio de entrevistas semiestruturadas, transcritas. Tendo como resultados a discussão de diversos assuntos que surgiram a partir das narrativas, tornando-se

uma pesquisa enriquecedora no histórico do feminismo, contexto onde é pouco abordado, ao apresentar variações de noções sobre as memórias dessas mulheres e, trazendo à tona importantes colocações sobre a necessidade de estudos voltados para o feminismo campesino de mulheres negras.

Na pesquisa de Gomes (2021) nº 13, “Trajetórias de mulheres campesinas: a luta pela educação”, são abordadas discussões emergentes no cenário da Educação Pública, gratuita e com qualidade no campo. Para a elaboração deste trabalho, foram produzidas entrevistas narrativas com quinze graduandos do Curso Linguagens e Códigos - UFVJM. Ao longo da pesquisa, foram tratadas questões sobre a importância da figura feminina na luta pela sua representatividade, e luta por uma educação com qualidade no ambiente rural, tornando-se uma discussão com várias vertentes, surgindo indagações sobre o papel da figura feminina de como estas se organizam para a própria participação e incentivo ao acesso e continuidade em seus estudos. Para responder às questões tratadas, foram selecionados dois depoimentos de duas mulheres com realidades distintas. Possuindo como resultado das narrativas, reflexões sobre os processos que estas mulheres vivenciam para conseguir dar continuidade em suas formações, apresenta ao longo de toda a pesquisa, trechos com suas falas, trazendo em suas verdades memórias que já presenciaram para conseguirem ter acesso e direito à educação.

Martins e Barbosa (2022) artigo nº 14, “A participação das mulheres na Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária do Território Inhamuns e Crateús - Ceará”, este trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres camponesas na Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária, a partir de suas experiências, articulado com discussões sobre o processo educativo, reflexão crítica destas mulheres, Educação do campo e aos princípios da Pedagogia do Movimento. A metodologia foi caracterizada como pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo, tendo como ferramenta a entrevista estruturada com cinco participantes. Procurou-se compreender quais espaços estas mulheres estão inseridas nas feiras e quais são suas contribuições/reflexões como mulher campesina. Como resultado, é evidenciado que este espaço fortalece a representatividade no contexto do feminismo rural, pois as participantes transitam desde a criação, organização e mobilização dos produtos, fomenta o processo numa dimensão educativo-pedagógica. Trabalhos como esta pesquisa, auxiliam no desenvolvimento de mais eventos que incentivam outras mulheres do

meio rural em sua autonomia, na união e no diálogo coletivo entre outras mulheres, o trabalho mostra noções sobre significados de memórias, debate a importância de compartilhamento das experiências perpassadas de geração a geração.

Santos, Aguiar e Fernandes (2022), artigo nº 15, “Êxito social, história de vida e formação de uma mulher de sítio”, conta a história da trajetória de uma mulher do campo que buscou dar continuidade em seus estudos, apresentando êxito em seu currículo tanto acadêmico quanto profissional. A metodologia possui abordagem (auto) biográfica com o enfoque na narrativa da protagonista, utilizada a transcrição dos relatos posteriormente. O trabalho busca retratar os caminhos que a entrevistada percorreu ao longo de sua vida, sendo destacado o quanto este processo de investigação e compreensão desta temática torna-se essencial a utilização de memórias, pois explora subjetividade, tornando-se elementos constitutivos para o (re) conhecimento da realidade das vivências durante a vida de nós mesmos, principalmente na compreensão de momentos, traumas, alegrias que encontramos durante nossas jornadas, tornando o ato de contar e rememorar algo primordial para a eternização de nossas histórias.

Considerando os resultados encontrados, sob a tábua, análise temática e metodológica de cada trabalho, percebe-se o quanto torna-se necessário o fortalecimento e o incentivo de mais pesquisas que trabalhem com a temática memórias de mulheres (do) e (no) campo, pois como refletido através dos dados, apenas 23 trabalhos foram constatados, tornando-se um número relativamente baixo quando analisamos o total das produções dos últimos cinco anos. Vale constatar que, das macrorregiões do Brasil, a região Centro-Oeste não apresentou nenhum trabalho voltado para esta temática. Nesse sentido, percebe-se que as publicações encontradas, em sua grande maioria, utilizam-se as narrativas (auto) biográficas como uma importante ferramenta na ação de contar as memórias das mulheres que habitam ou habitaram o meio rural.

5. Mulheres rurais: memórias e subjetividades

Recordações são fragmentos de tempo. Com elas costuramos um corpo de palavras que nos permite sustentar uma vida. Quem conhece as pessoas e as situações aqui contadas poderá rememorar-las por outros caminhos, a partir de suas próprias circunstâncias. [...] Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira (BRUM, p.7, 2014).

Após identificar o contexto geral e os aspectos metodológicos das produções encontradas, este trabalho buscou compreender e analisar quais foram as noções existentes em cada pesquisa sobre memórias e sobre mulheres rurais, tecendo paralelamente discussões com autores já abordados anteriormente sobre esta temática.

A pesquisa que apresenta como título “A busca pela ascensão feminina no PDS Virola Jatobá, Anapu-PA”, refere-se a mulher rural como as agricultoras que realizam suas atividades no campo em variados setores na produção agropecuária, algumas possuem além das atividades de produção, atividades que geram renda extra, destas atividades a grande maioria é para o consumo próprio/familiar; também há existência de trabalhos não remunerados, como “ajudante” nas produções da propriedade ou como responsável pelo trabalho doméstico. Na pesquisa é destacado, a representação da mulher rural e a invisibilidade (diferenciações de gênero no trabalho). Como noções de memórias, o trabalho não aborda especificamente sobre este termo, mas expressa em sua dimensão que estas mulheres estão contando as suas histórias e experiências de vida (debates), nos projetos desenvolvidos na comunidade rural, as atividades praticadas (produção de ervas medicinais, confecção de bijuterias, artesanatos...), são recontados para seus filhos e filhas (CHAVES; CASTRO; MENEZES, 2018).

Nota-se por meio de reflexões realizadas, que é visível perceber o avanço nas últimas décadas das mulheres rurais no campo e fora dele, desenvolvendo atividades, participando economicamente, politicamente, socialmente em diversos setores e, principalmente tendo o seu papel “reconhecido” na representação no meio rural (SALES, 2007). Contudo, devemos sempre lembrar que apesar deste reconhecimento, que vem crescendo lenta e gradativamente, as mulheres sempre desempenharam importantes papéis, principalmente em suas propriedades, família e comunidade e que apenas nos últimos tempos é que este reconhecimento está ganhando a visibilidade. Apesar das mulheres rurais possuírem grande participação

no campo, ainda existem muitas barreiras a serem rompidas, principalmente quando tratamos sobre a desigualdade de gênero no campo, mesmo a mulher na maioria das vezes (para não dizer sempre), trabalhar “lado a lado” de seu companheiro e filhos, ainda é existente a desigualdade. Logo, mais importante que a cidadania e direitos igualitários entres os gêneros é o reconhecimento social e coletivo sobre a ascensão da mulher rural e seus direitos, respeito e espaços (re) conhecidos.

Em “Mulheres da Chapada do Araripe -Agroecologia e Empoderamento “, de Oliveira (2018), apresenta como protagonistas as mulheres agricultoras que já participaram de projetos e associações em seu município, sendo que estas participam diariamente destes eventos e possuem atividades em suas propriedades voltadas para práticas da Agroecologia, sendo para consumo próprio e para a comercialização na região. Logo, agricultoras que buscam sua participação efetiva pela representatividade no campo e na preservação do ambiente em que habitam. Como noção de memórias, a pesquisa apresenta que o município enfatiza muito o contar lendas e histórias repassando de geração para geração, também retrata que as feiras realizadas são “São lugares de memória, pontos de intercâmbio de culturas e diversidade” (OLIVEIRA, 2018, p. 51). Além disso, trazem ao longo do texto, fragmentos de suas memórias vivenciadas, rememorando os momentos de felicidade em fazer parte de projetos e vender seus produtos na feira, sendo este local referenciados por elas, como a independência financeira e como um avanço na liberdade. Logo, o trabalho abordou questões importantes e despertou um olhar encorajador para as mulheres rurais, procurando cada vez mais desenvolver a autonomia e o empoderamento das mulheres locais - rurais.

E nesta lente do (re)conhecimento neste trabalho, já é aparente outra realidade, pois as mulheres agricultoras deste trabalho, estão participando ainda mais de eventos, feiras, associações e lideranças, e produzem produtos para comercialização, além de possuírem uma certa compreensão sobre o empoderamento, também das práticas agroecológicas na importância de preservação e conservação do ambiente em que estão inseridas. Estão desenvolvendo - quebrando as barreiras do meio rural, construindo mais autonomia, empoderamento e lideranças em setores variados, tornando-se um fator imprescindível esta busca pelo seu espaço e representação feminina no campo. De acordo com os autores já mencionados no decorrer, as mulheres que habitam ou habitaram as áreas rurais, são grandes agentes chaves na mobilização de

transformações e mudanças ambientais, sociais e políticas (ANTÔNIO; BRAGA; ASSIS e AQUINO, 2020).

O artigo de Silva e Mesquita (2018), “Mulheres com enxadas e lápis na mão: histórias de professoras primárias no meio rural sergipano (1930-1950)”, apresenta como noção de mulheres rurais, as professoras aposentadas - primárias rurais do estado de Sergipe. Neste trabalho, a memória é citada várias vezes por meio de relatos narrativados pelas entrevistadas, memórias da infância no trabalho rural, adolescência e da vida adulta destas mulheres exercendo a profissão como educadoras. Apresenta relances de memórias de dificuldades, precarizações nas escolas, preconceito que presenciaram durante suas vidas, como mulher rural e professora neste meio, sendo esta noção de memória, utilizada como ferramenta para expor suas indignações frente às dificuldades vivenciadas e como modo de apelo para novas mudanças no sistema educacional na Educação do Campo.

E são a partir destas memórias vivenciadas, sejam elas positivas ou negativas que trouxemos em nossas bagagens, que quando expostas e recontadas, promovem e auxiliam na caminhada pela luta dos direitos no contexto histórico do feminismo. A autora já mencionada, Belmira Bueno (2002), traz como contribuição e enriquecimento para esta discussão que, quando este cenário é apresentado com professoras, e que neste caso estamos salientado sobre as mulheres rurais, as suas e/nossas memórias como mulheres, tornam-se a chave para a mudança, isto pelo fato de que, a produção de relatos pessoais e profissionais da vida escolar por parte das mulheres rurais professoras, têm permitido cada vez mais chegar-se á discussões e análises que leva a desconstrução de estereótipos, imagens que se formam no profissional no decorrer de suas vidas. Sendo este ato de “contar suas memórias”, como maneira de mobilização para buscar a sensibilização por pautas urgentes e necessárias que são voltadas para a educação e conseqüentemente, neste caso, para a Educação no Campo.

No trabalho das autoras Reis e Eiterer (2018), “Práticas de leitura e escrita de mulheres camponesas: reflexões a partir de algumas histórias de apropriação”, tem como noção de mulheres do campo, as mulheres camponesas que apresentam a religiosidade como auxiliador em suas vidas. Estas camponesas entrevistadas, contam em suas memórias por meio de encontros realizados nas CEBs¹⁰, trazendo

¹⁰ CEBs-Comunidades Eclesiais de Base: São pequenos grupos organizados no meio rural ou urbano, em torno da paróquia, voltadas para a religião da Igreja Católica, encontros públicos

em sua bagagem pouca alfabetização, mas que esta comunidade de encontros, fomentou o desenvolvimento da leitura e escrita como maneira de contar suas histórias, compartilhar saberes, logo, um espaço motivador formativo entre mulheres do meio rural.

Nesta perspectiva sobre mobilizações na área rural, que permitem-nos perceber o quanto os movimentos, encontros, associações e eventos auxiliam na socialização e construção de saberes coletivos, pois como retratado acima, mesmo diante a dificuldades como na alfabetização, as mulheres encontram abrigo na religiosidade e também maneiras de compartilhar suas experiências e vivências através de suas memórias, tendo a escrita e a leitura como uma importante ferramenta. Perrot (1989), traz como reflexão, que as memórias das mulheres são verbos, e que a escrita e a leitura por muito tempo foi lhes negada pelo fato de que, este era um direito apenas do público masculino. E que quando este ato de rememorar é incentivado, novas histórias, novas lutas são travadas e apresentadas na escritura do histórico feminino, em prol da liberdade e de direitos das mulheres, pois foi a partir das memórias, experiências e vivências das mulheres antepassadas e atuais que estamos aos poucos, modificando a sociedade conservadora.

“Trajetórias de mulheres camponesas no Espírito Santo: permanências e descontinuidades” de Oliveira et al (2018), refere-se sobre as mulheres camponesas das comunidades capixabas entre 1930 a 2017, que articulavam-se e articulam múltiplas tarefas em suas propriedades, comunidade e família como: agricultora, dona de casa, mãe, esposa, mulher, professora, benzedeira, dentre outros, sendo o trabalho algo existente desde a infância na vida destas mulheres. Como entendimento de memória ao longo do texto, é apresentado pelos autores, discursos e memórias estudadas, através dos enunciados concretos materializados nos Cadernos da Realidade (transcritos) - LEDOC/UFES, sendo articulado com discussões sobre a literatura/educação. Nestes relances trazidos na pesquisa, ao narrar as memórias dessas mulheres camponesas, são apresentados detalhes da infância, contornos tantos sociais e históricos vivenciados imanentes às suas épocas, desafios e inserções em variados espaços. Logo o artigo traz um olhar com diferentes facetas, das mulheres capixabas de uma determinada época, trazendo as suas rememorações experienciadas, tanto positivas quanto negativas, e as mulheres

compostos por membros de classes populares, tendo o intuito de reunir-se em função da cultura local (BETTO,1981).

capixabas da atualidade, sendo que ambas apresentam permanências e descontinuidades em suas trajetórias.

Neste panorama sobre memórias, o autor Elizeu Clementino Souza (2014), apresenta importante contribuição sobre noções sobre a temática incorporada às narrativas, compreende que através deste método, é possível articular diversas abordagens que buscam contar as histórias de vidas individualmente ou de modo coletivo, tais histórias geradas por experiências possibilitam a colaboração de aprendizagens em diferentes domínios da existência. Em relação às mulheres do campo, é possível desenvolver diferentes pesquisas que possibilitem rememorar histórias de vida, sejam histórias que já ocorreram e estão arquivadas, que merecem serem compartilhadas e visibilizadas, como é o caso desta pesquisa discutida, ou histórias que ainda não foram descobertas e que estão apenas esperando para serem ouvidas e descobertas, mantendo sempre o respeito e a compreensão, pois por se tratar de memórias individuais/coletivas, estas podem gerar emoções.

Camargo e Boeff (2018), apontam sobre a mulher trabalhadora rural, com diferentes relatos de idades entre as participantes, mas que todas possuem semelhança de dificuldades e desafios enfrentados em suas vidas, sendo relacionado o trabalho para estas mulheres, além das atividades do campo e trabalhos atrelados ao cuidado do lar, a saída de casa para o trabalho de industrialização urbano, como modo de “ajuda” em casa. Este trabalho “Mulheres, trabalhos e histórias: uma análise das trajetórias de vida em uma Comunidade Teuto-Brasileira do RS”, traz como memórias, a constituição de visão do campo, como um local de sofrimento, atraso, opressão, exaustão física e mental e controle patriarcal entre comunidade e família. São apontados relatos dolorosos, sofridos desde a infância até a vida adulta, aborda questões sobre preconceito da mulher querer estudar e não possuir incentivo da família, todavia, retrata reflexões sobre a dificuldade enfrentada pelas mulheres e que, a partir desta ação de contar suas histórias é que se pode modificar o cenário, trazendo mais políticas e conhecimentos que abordam diferentes temáticas para uma Educação do Campo com qualidade e visibilidade.

Com esta compreensão que a maioria dos trabalhos (identificados) vêm debatendo sobre as noções de memórias, é que estas podem se apresentar de

diferentes maneiras. Como por exemplo, este trabalho que estudou narrativas de trabalhadoras rurais com diferentes idades, onde as mesmas relataram suas noções de memorações com referência dolorosa/sofrida, experiências vivenciadas que quando recordadas ressurgem novamente as emoções sentidas naquele determinado período ocorrido, desabrochando sentimentos de injustiças, preconceitos e opressões. Mas que quando compartilhadas podem auxiliar na caminhada da superação, no processo do autoconhecimento, no encorajamento de outras mulheres a contar suas verdades e a amparar outras histórias (ABRAHÃO, 2003). Também na caminhada em compreender variadas pautas urgentes no meio rural, como a questão da desigualdade de gênero que também é apresentada no próximo trabalho, assemelhando-se nesta pauta.

A proposta do artigo “Problematizando o trabalho invisível das mulheres e a divisão sexual de trabalho no campo: uma parceria entre educação popular e feminismo” de Negretto e Silva (2018), discute a noção de mulher rural sobre o papel da mulher campesina assentada, evidencia o quanto estas mulheres apresentam uma bagagem cansativa em comparação aos homens, pois são as mulheres do campo que exercem atividades gerais domésticas como: antes de amanhecer, ordenham as vacas, preparam o café da manhã, cuidam das crianças para a escola, executam de maneira rápida os afazeres domésticos para auxiliar o companheiro nas atividades do lote, sendo um ciclo repetitivo e desigual. Neste contexto, apresenta relatos destas mulheres participantes, trazendo também a importância da participação em encontros como as oficinas realizadas pelo “Trabalho Artesanal com Mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, que motivam e incentivam essas mulheres a desenvolver diversos produtos para vender em feira e conseqüentemente no incentivo a autonomia, autoestima e sua representação feminina no campo. Aborda a questão de contar suas memórias, como algo positivo e imprescindível, pois possibilita acabar com as opressões e quebrar o silêncio entre as desigualdades de gênero ainda existentes no campo - assentamentos.

O artigo “Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas”, de Calaça, Conte e Cinelli (2018), retrata a questão da mulher camponesa a partir Feminismo Camponês e Popular no Brasil, seguinte do processo desenvolvido pelo e no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) dos anos 2000 aos dias atuais, sendo tratado pelas autoras, diversos debates envolvendo a luta pelos direitos das mulheres rurais. É apresentado em partes neste trabalho, o perfil

das mulheres que estão frequentando estes movimentos e buscando cada vez mais por seus direitos, são agricultoras que buscam a visibilidade, realizando visitas em outras propriedades, promovendo encontros em suas comunidades, seja para apresentar seus produtos, dialogar sobre seus afazeres, desenvolver oficinas como também, para dialogar sobre a religiosidade, cultura dentre outros. Esta pesquisa, não apresenta o termo sobre memórias, mas demonstra que estes movimentos criam espaços para oportunizar que as mulheres rurais saiam de suas casas, vão às suas comunidades e aos centros urbanos buscar conhecimentos.

De acordo com Abrahão (2002), o ato de narrar, contar nossas histórias, tem o intuito de expressar nossas verdades de acordo com situações vivenciadas, nosso ponto de vista, situações específicas, espaço e tempo. E estes movimentos e eventos motivam as mulheres camponesas a contarem, a falarem as suas verdades e lutarem por seus direitos.

Na produção de Citrini (2019), também retrata-se sobre as narrativas e a importância de contar nossas experiências ao mundo. Em “Narrativas e Experiências: A prática da Extensão Rural Agroecológica no Processo de Formação das Jovens Amazonenses”, dirige-se às mulheres rurais, como as mulheres camponesas que participam ativamente de diversas atividades, sendo chamadas no texto de “mulheres da floresta”, que conseqüentemente deu origem ao projeto “Mulheres da Floresta”, onde desempenham/aprendem atividades a fim de promover mais autonomia e conhecimentos vinculados à cultura local. Nos relatos, são apresentados discussões e assuntos, mas principalmente apresenta, memórias de vida e sobre as experiências do projeto. Segundo a autora (2019, p. 20), “o ato narrativo é uma forma de materialização do vivido através da linguagem, o que nos permite ter acesso às memórias e experiências de um sujeito”. Neste sentido, possuindo como noção de memórias dessas mulheres a participação neste projeto, vivências de suas vidas e a articulação com os seus estudos, sendo fomentado durante todo o trabalho a importância das narrativas em contar nossas memórias.

“Lugar de mulher é na pesca: o olhar de uma marisqueira em Farol de São Thomé, Campos dos Goytacazes, a partir do PEA Pescarte”, na pesquisa de Brito (2019), traz a noção de mulher rural, como a mulher pescadora/marisqueira que visa lutar pelo seu espaço nesta profissão em sua região, além do pescado, representa seu papel em casa, exercendo inúmeras atividades domésticas, sendo muitas vezes, não reconhecida e discriminada em sua representatividade na pesca, por ser

“considerado” um serviço atrelado aos homens. No texto, é exposto que estas mulheres exercem uma jornada dupla em suas vidas pois cuidam de todo seus afazeres em casa e participam do Projeto PEA¹¹, sendo este projeto fundamental na luta pela representatividade feminina no pescado. Com relação às noções debatidas sobre memórias na pesquisa, são descritos relatos de superação, dificuldades, preconceitos e vitórias pela luta pelo espaço na profissão do pescado, sendo recontadas memórias das marisqueiras, suas experiências e vivências como mulher/mulher pescadora.

Nota-se o quanto esta questão de desigualdades de gênero no meio rural é presente nos trabalhos encontrados até o presente momento, também a importância do reconhecimento na representatividade feminina neste ambiente é fundamental e como o as memórias tornam-se uma fundamental ferramenta-testemunha, na eternização dos fatos vivenciados. A autora Margareth Rago (2002), afirma que, as memórias são pluralidades do passado, possuem múltiplas temporalidades e que de acordo com a autora, podem contribuir de forma positiva na transformação do nosso mundo no contexto do universo feminino.

Oliveira (2019), em sua pesquisa aborda noções de mulheres rurais, com as agricultoras do semiárido, que articulam suas atividades domésticas a experiências do projeto “Quintais produtivos”, sendo este praticado tanto por homens quanto mulheres, neste trabalho traz a ótica das mulheres relacionado com a agricultura familiar, sendo a mulher atribuído um papel de liderança em suas famílias, traz uma visão da importância dos estudos para a permanência no campo e em dar continuidade aos estudos, principalmente como maneira de contribuir na propriedade e na renda familiar. O trabalho que tem como título “Quintais produtivos como elementos de educação contextualizada ao semiárido cearense: saberes e fazeres”, retrata sobre memórias a partir de rodas de conversas, debates entre os participantes (alunos, agricultores, agricultoras...), narrativas e recontando experiências e vivências.

Percebe-se um circuito de noções de memórias que podem se interligarem e que, estas são perpassadas por gerações estes conhecimentos, e neste contexto de mulheres agricultoras, uma maneira de rememorar e eternizar suas lembranças é

¹¹ Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte- medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA (CITRINI, 2018).

através de suas narrativas, dando a visibilidade para a mulher agricultoras e suas memórias, fortalecendo a representação da mulher camponesa em diferentes dimensões (SALES, 2007).

O artigo nomeado como “A divisão sexual do trabalho no campo sob a Perspectiva da juventude camponesa”, pela autora Schwendler (2020), dialoga ao longo sobre a mulher camponesa no meio rural, sendo atribuído desde a antiguidade o seu papel como ao cuidado do lar, família e marido, além de auxiliar o companheiro nas atividades agrícolas da propriedade, apresenta a retratação ainda nos dias de hoje através de entrevistas com narrativas juvenis, onde ainda é retratado este cenário desigualdades na divisão do trabalho no campo. Como noções acerca de memórias dessas mulheres rurais, é apresentado através de relatos por suas filhas e participantes sobre suas lembranças, sobre a indiferença de gênero atrelado ao trabalho no campo e como ainda é presente essa desigualdade nas comunidades e na própria família, e para o enfrentamento destas assimetrias no meio rural é que se torna crucial contar essas histórias e lutar por uma igualdade entre os gêneros nas atuais e próximas gerações.

Nestes dois trabalhos de Schwendler (2020) e Martins (2020), pode-se refletir que mesmo na atualidade ainda há o enraizamento da desigualdade de gênero, onde a mulher além dos trabalhos na produção no campo é atribuído o exclusivo papel de quem cuida do lar. Os seguintes, também retratam sobre as atuais e próximas gerações sob a perspectiva que também presenciam opressões no campo por serem mulheres-moças, abordam ambos sobre a necessidade das escolas trabalharem mais estas pautas urgentes no âmbito da Educação do Campo, e ambos os trabalhos abordam as noções variadas sobre memórias das mulheres camponesas e suas subjetividades. Na urgência de mais trabalhos desenvolvidos em contar as histórias de vidas (PERROT, 2002), também mais incentivo para que os jovens e mulheres consigam permanecer em suas terras de origem sem ter que abandoná-las por não possuírem oportunidades de crescimento.

Martins (2020), em sua pesquisa “A educação do campo como ferramenta pela permanência na terra – a experiência de Campo Alegre”, apresenta a visão de mulher rural a partir de experiências de uma educadora e pesquisadora, sendo relatado suas variadas limitações encontradas no contexto da educação rural, desde os cuidados com as escolas até aos cuidados de seus lares. A referência sobre memórias é apontada em todo o trabalho, trazendo variadas memórias de

acontecimentos na época descrita (1980), bem como momentos ocorridos ao longo da vida da autora e das participantes. Todavia uma relevante pesquisa, pois contribui no histórico do feminismo rural e para Educação do Campo, como modo de incentivar as mulheres do campo e mulheres educadoras do campo a relatarem suas memórias e conseqüentemente auxiliar na transformação em uma educação com qualidade nos dias atuais e na produção de mais trabalhos a contar sobre memórias.

Como retratado nos dados metodológicos, o trabalho de conclusão final que originou um livro de memórias da autora Oliveira (2020), que possui como título Sertão: “Ser-tão: A flor(a) e o Licuri: As escritórias das mulheres - Mães do Subaé e a Educação do Campo”, foi uma inspiração para o desenvolvimento desta atual pesquisa sobre as mulheres (do) e (no) campo. Nesta obra, a autora apresenta a sua (auto)biografia, apresentando-se como mulher da roça, mulher do campo, mulher pesquisadora e mulher-mãe. Sendo descrito ao longo de suas páginas variadas memórias suas e das mulheres da família, que são em sua maioria, agricultoras, sendo o trabalho árduo lhes atribuído desde a infância, apresenta através dos relances dos fragmentos das memórias, as cicatrizes e marcas vivenciadas no decorrer da cronologia do tempo, são mulheres com representações em sua comunidade que enfrentaram e enfrentam a discriminação nas desigualdades de gêneros, lutam pela igualdade das mulheres de sua comunidade, sendo a cultura local como ponto destaque no trabalho destas protagonistas, também é apresentado a busca pela melhoria na qualidade de vida e a busca e incentivo dos seus filhos para uma educação com qualidade.

Oliveira (2020) e Lima (2020), ao âmbito destes dois trabalhos que abordam a maternidade, superações, representações das mulheres rurais, e discutindo juntamente com Bueno (2002), que dialoga com estas temáticas (memórias, mulheres e pautas inadiáveis), é visível o quanto as memórias são ferramentas que dão voz a cultura, representação da mulher, retrata temáticas urgentes e trilha um caminho na luta por direitos e transformações em nossa atual sociedade.

“À sombra da mangueira: relatos das mulheres-mães de alunas/os de uma escola nucleada na cidade de Guanambi - BA”, trabalho desenvolvido pela autora Lima (2020), traz a luz sobre as mulheres-mães-do-campo que enfrentam percalços para garantir o direito ao acesso de seus filhos à escola, também aponta as desigualdades de gênero sobre a questão de maternidade e ao trabalho na lavoura. São apontados como memórias, tanto memórias pessoais das participantes quanto

memórias coletivas, sendo destacado vários relatos sobre as dificuldades vividas diariamente para que seus filhos possam ter um acesso à educação, memórias sobre a sobrecarga nas atividades domésticas, maternidade e “ajuda” ao marido/família sendo muitas vezes não reconhecido.

O artigo das autoras Gomes e Rosa (2020), tendo como título “Trabalhando as relações de gênero e as histórias das mulheres nas práticas docentes”, apresenta variadas noções de mulheres rurais das representantes participantes do “Seminário das Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul, I e II”, sendo este evento desenvolvido como foco para a diversidade feminina: estudantes pomeranas, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, pecuaristas, agricultoras familiares, agricultoras familiares agroecológicas, benzedeiras, mulheres da cadeia produtiva da pesca, mulheres de terreiro, entre outras participantes. Sob as noções de memórias, as autoras não debatem detalhadamente, mas trazem no decorrer do texto que, todas as experiências e vivências das mulheres que participaram deste evento, foram relatadas e compartilhadas, buscando-se criar uma rede de compartilhamento de conhecimentos e lembranças sobre múltiplos temas, sendo eternizados neste trabalho como maneira de auxiliar na construção do fortalecimento feminino rural e urbano.

E são a partir deste compartilhamento de conhecimentos entre as mulheres (do) e (no) campo, seja por meio de rodas de conversas, feiras, associações, encontros, trabalhos científicos etc., que é também afirmado por Souza (2016), onde trata as noções de memórias como uma ferramenta intermediadora de conhecimentos e aprendizagens, importante no contexto do feminismo, pois contribui para uma sociedade de mulheres que já se encontraram no passado, estão se reunindo e irão se encontrar no futuro, levando a ação e não a intimidação, apoiando e dando sustentação a uma rede de união.

Em “Trilhas e saberes compartilhados no feminismo no rural: entrevista com Verônica de Santana”, das autoras Lindoso e Bezerra (2021), apresenta como noção de mulheres rurais em sua pesquisa, o estudo de Verônica Santana, uma mulher agricultora, trabalhadora rural, assentada e agroecológica, que possui um importante papel nas lideranças feministas nos dias atuais, nas lutas feministas da região do Nordeste brasileiro, apresenta como pautas as demandas das trabalhadoras rurais, as diversidades de atividades produtivas no campo e também sob as práticas agroecológicas. São apresentados ao longo do trabalho, memórias

personais e profissionais desta importante feminista através de entrevista, contando memórias da sua trajetória vivenciadas e experienciadas, muitos relatos, emoções e lutas.

Trabalho este, desenvolvido que retrata importantes reflexões acerca da representação feminina no meio rural e as demandas atuais urgentes e existentes neste meio que merecem e devem ser debatidas todos os dias, também sendo ressaltado a Agroecologia como importante transformador e socializador nas lutas dos nossos direitos enquanto mulheres, mulheres rurais. Tornando crucial discutir com as mulheres rurais, seu modo de vida, o espaço em que estamos ocupando, e neste contexto vinculado à Agroecologia, nossos direitos tornam-se ainda mais fortalecidos.

Santos, Wedig e Corona (2021), no artigo “Da Igreja à luta”: trajetórias políticas de mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná”, evidencia as histórias de agricultoras, que buscaram e buscam lutar sobre as questões de gênero, política, economia, exercendo lideranças em variados contextos de suas comunidades, seja líderes nas igrejas, associações, movimentos sociais e em partidos políticos. Na perspectiva de memórias, são apontadas ao longo da produção relatos das participantes através de suas narrativas, e em variados momentos são misturadas as suas memórias contando aspectos pessoais, percursos trilhados, interligando com outras trajetórias de vidas de outras agricultoras, abordam através de suas falas, as suas experiências de vida em sua região, lembram fatos ocorridos que tiveram participação em muitos eventos na busca pelo direito no reconhecimento das mulheres agricultoras, também através dos relatos dessas agricultoras/participantes é buscado o encorajamento para que cada vez mais outras mulheres rurais compreendam a importância de lutar pelos seus direitos, sua visibilidade e a serem ouvidas em sua comunidade/sociedade em que vivem.

Em “Modos de trabalhar e modos de subjetivar na agricultura familiar no sul do Brasil” de Gomes, Toneli, Nogueira e Salvaro (2021), apontam como noção de mulher rural, narrativas sobre mulheres trabalhadoras rurais da região do RS, onde as mesmas realizam distintas atividades em sua propriedade e comunidade, tendo o trabalho como algo fundamental para auxiliar sua família no sustento da família. Como memórias é destacado relatos vivenciados em suas vidas, memórias que fazem parte do constitui-se mulheres - trabalhadoras rurais e que buscam através de

suas experiências a participação e a luta pelo seu espaço na agricultura familiar de sua comunidade e região.

Os autores Antônio, Braga, Assis e Aquino (2020), também discutem sobre o quanto a mulher do campo representa um imprescindível papel no trabalho rural e na agricultura familiar, pois desenvolvem diversos papéis que são voltados para a produção de alimentos, na coordenação de sua família, comunidade, e como sua bagagem de vida auxilia no desenvolvimento da constituição de sua própria identidade enquanto mulher rural.

A autora Nascimento (p.12,2021) destaca em sua pesquisa referente às memórias: “Memória é o tempo costurado, é ancestralidade”, Memória são as narrativas de luta. A memória é um marco da nossa existência “.Logo, desde o início da pesquisa são apresentadas diferentes noções sobre memórias de mulheres do campo, tendo como título do trabalho “As experiências de mulheres negras camponesas do assentamento da fazenda Sururu de Queiroz de Varzedo/BA: escutas, disputas e composições de investimentos decoloniais na educação do campo”, como o próprio título já menciona, possuindo como referência de mulheres rurais, mulheres negras camponesas que moram em assentamento, que através destas narrativas tornou-se uma ferramenta necessária para potencializar as suas vozes, contar suas histórias, suas memórias de vida, compartilhando e incentivando mais mulheres a romper os preconceitos e a lutarem por seus direitos.

Apesar das presentes dificuldades, aos poucos as mulheres estão conseguindo transformar e romper com opressões, transformando de forma gradativa a visão e herança que só podem permanecer em espaços associados ao cuidar do lar e na maternidade. Nos dias atuais as mulheres rurais estão, aos poucos, conseguindo mudar este cenário, compreendendo que os mais variados espaços, já eram seus por direito, estão cada vez mais buscando participar de atividades e dar continuidade aos seus estudos (BONI,2013). E como percebemos, em ambos os trabalhos tanto de Nascimento (2021) quanto de Gomes (2021), as narrativas tornam-se importantes nesta ação de contar nossas vidas, nossas verdades, nossas realidades.

Em “Trajetórias de mulheres camponesas: a luta pela educação” de autora Gomes (2021), também é marcante as noções abordadas sobre memórias, sendo destacado variados conceitos de memória individual e coletiva, a partir das experiências e momentos vivenciados. No que se refere às noções de mulheres na

pesquisa é abordado sobre duas mulheres do campo que procuram alternativas no meio de tantos desafios para ir em busca de uma educação e dar continuidade em seus estudos. Ao longo, é apresentado seus relatos de suas memórias sobre assuntos diversos que fizeram com que estas mulheres tivesse a persistência de romper barreiras e irem atrás de seus sonhos, neste trabalho, o encorajamento e motivação são um impulsionamento para que outras mulheres com realidades semelhantes ou até diferentes possam ir atrás de seus sonhos, mesmo diante e muitas barreiras.

No que tange sobre mulheres rurais, o trabalho das autoras Martins e Barbosa (2022), apresenta as experiências das mulheres camponesas em feiras da agricultura familiar, sendo destacado a diversidade destas mulheres e seus cotidianos, sua representação nas feiras e sua representação no contexto do feminismo rural. Pesquisa esta, apresentada como título “A participação das mulheres na Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária do Território Inhamuns e Crateús - Ceará”, traz em seus relatos ao longo do texto, memórias diversas sobre a participação destas protagonistas nas feiras e eventos, desenvolvendo a partir do comércio, a autonomia, seu espaço que é por direito e experiências positivas com outras mulheres que frequentam estes espaços realizados. Fomentando cada vez mais a participação de mulheres rurais em variados setores e também a contarem suas histórias, compartilhar experiências e suas histórias de vida.

Ambas as últimas publicações analisadas, abordam sobre as mulheres rurais que resolveram sair de suas casas, romper a barreira de que precisavam apenas cuidar dos seus afazeres domésticos, servir a família e ao marido. Nestas últimas pesquisas, é visível a participação ativa em eventos, feiras e na busca pela continuidade de seus estudos. Referem-se a memórias como algo pessoal, que abarca e aflora muitas lembranças, lembranças essas, felizes ou dolorosas, mas que fazem parte de suas histórias, fazem parte na luta pela sua visibilidade enquanto mulheres rurais.

“Êxito social, história de vida e formação de uma mulher de sítio”, de Santos, Aguiar e Fernandes (2022), trazem como compreensão de memórias em sua pesquisa, a importância de se respeitar a alteridade na reconstituição das memórias, pois elas abarcam e expõe emoções, sentimentos sobre aquele determinado momento rememorado, abordam variados conceitos sobre memórias, a partir de

experiências (auto)biográficas da protagonista denominada como mulher do sítio, que buscou sair do seu local de origem e ir em busca na continuidade de seus estudos, apresenta marcos de superações, motivações e percalços vivenciados em sua trajetória. Trabalho que demonstra muitas noções de memórias e que trazem importantes reflexões a cerca na busca por nossos sonhos.

Finalizando esta seção, sobre memórias das mulheres rurais e suas múltiplas subjetividades, nos reportamos a Brum (2013), que destaca que quando procuramos eternizar e registrar o nosso passado, passado este que possui inúmeros labirintos de memória, é que preparamos através de nossas lembranças, o terreno para ser um subsídio na construção de narrativas, narrativas estas que tem a função de rememorar ocorridos na cronologia do tempo de nossas vidas, a partir de uma diversidade de histórias e vivências existentes.

É através das memórias, memórias de mulheres rurais que se apresenta neste trabalho e aos trabalhos identificados, que estas variadas noções de memórias, com diferentes temporalidades, etnias, realidades e diversidades, que a memória permite-nos realizar uma reconfiguração de nossas próprias identidades como mulheres, pois são a partir destas memórias, sob a ação do passado no presente que podemos transformar nossa sociedade e o nosso ambiente rural em mundos justos, igualitários, democráticos e com direitos reconhecidos.

6 Considerações finais

[...] Podemos desconhecê-la, mas de algum modo ela ainda estará lá. Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto (BRUM, p.36, 2014).

Quando "repointamos" este ponteiro que remete às nossas memórias, memórias estas que podem haver diferentes noções, é que conseguimos nos tornarmos "o próprio movimento" (RAGO, 2014). E é a partir destes movimentos gerados pela coragem do ato de contar nossas histórias, nossas verdades, que quando compartilhamos, podemos encorajar e formar uma rede de fortalecimento entre as mulheres, especialmente sob o contexto das mulheres do campo.

Sendo estas, as protagonistas (do) e (no) campo, que possuem diferentes realidades, etnias, experiências ou até mesmo vivências semelhantes, mas que de maneira geral, esta ação de contar nossas memórias, nossas experiências em vida, é que podemos deixá-las eternizadas, para que assim, sejam recontadas, recoadas e revivenciadas, auxiliando na caminhada da construção de um mundo igualitário e justo para nós mulheres. Onde possamos nos sentir mais seguras, desengavetando nossos sonhos e colocando-os em prática, sem medo, sem julgamentos, deixando nossos legados, assegurando uma sociedade que caminha em busca de mudanças, para que as atuais e próximas gerações não tenham que passar por situações de abusos de poder ou opressões por conta de comportamentos conservadores, e assegurarmos a partir de nossas lutas, enaltecer e reconhecer as vitórias de direitos já alcançados pelas nossas antepassadas e atuais.

Neste sentido, quando procurou-se realizar este trabalho, desde o início pensou-se em trabalhar sobre como as mulheres se constituem-se mulheres rurais, sendo ao longo do processo de construção, ocorrido um amadurecimento desta ideia e decidido compreender primeiramente, o que vem sendo produzido nos últimos tempos sobre memórias de mulheres rurais, bem como que noções são ressaltadas em cada trabalho, para que a partir deste entendimento pudesse futuramente realizar uma intervenção na localidade da Picada do Padre no município de São Francisco de Assis, motivo da inspiração deste trabalho.

No que se refere os resultados apresentados, podemos refletir que, quando identificadas as 1.111 produções nas macrorregiões brasileiras através do levantamento nas instituições, apenas 23 produções foram caracterizadas com aproximações à temática estudada, ou seja, correspondendo cerca de 2,07% da produção total encontrada. A partir do aprofundamento detalhado sobre memórias-mulheres rurais em cada trabalho, foi possível e visível refletir o quanto as mulheres camponesas apresentam distintas e semelhantes noções sobre memórias, com diferentes realidades, experiências e vivências, com diferentes pautas em suas lutas, mas que de maneira geral, apresentam como semelhança, o campo como seu lugar de experiências, de lutas, batalhas e vitórias.

Sendo a partir destes resultados, quando analisadas todas as 23 produções, todas apresentam diferentes metodologias, mas em sua grande maioria a narrativa torna-se a ferramenta principal, bem como a autobiografia e entrevistas, apresentando analogias e conexões entre cada temática, sendo o ato de recordar as histórias algo cada vez mais emergente e urgente, pois coloca à tona diversos assuntos necessários e importantes de conhecê-los, refleti-los e compreendê-los.

Nesta perspectiva geral, o ambiente rural é um local que é possível encontrar muitas memórias, sejam memórias positivas ou memórias dolorosas, e que acabam fazendo parte da constituição da identidade de cada mulher. Perrot (2008), nos apresenta como este espaço de contar memórias sempre foi reservado apenas para os homens, e que mesmo nos dias de hoje, ainda há uma demanda baixa quando comparada com as mulheres nas produções que são voltadas a contar experiências e vivências, e neste cenário das mulheres, especificamente nesta ótica das mulheres rurais, este cenário ainda é menor.

Por isso, este trabalho buscou e busca por meio de minhas palavras como mulher, mulher do campo e pesquisadora, incentivar mais mulheres a contar suas vidas, a desenvolverem mais trabalhos, a criar e participar de mais espaços, eventos, lideranças, e a transformar as suas lembranças em eternizações, através do compartilhamento para as atuais e futuras gerações em suas narrativas, pois como debatido ao longo desta pesquisa, nossas memórias podem haver variadas compreensões e quando compartilhadas podem mudar o mundo, motivar outras mulheres, romper paradigmas, ciclos e superar ou aliviar nossas cicatrizes adquiridas ao longo do tempo.

7 Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação, Pelotas, p. 79–95, 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>> acesso 30 jul. 2022.

AGUIAR, V. V. P. Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 15, p. 261-295, 2016.

ALVES DE OLIVEIRA REIS, S. M.; EITERER, C. L. Práticas de leitura e escrita de mulheres camponesas: reflexões a partir de algumas histórias de apropriação. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 1316–1344, 2018. DOI: 10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1316. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5454>> .Acesso em: 10 jul. 2022.

ANTÔNIO, G. BRAGA, C. ASSIS, R. AQUINO, A. **O protagonismo das mulheres rurais. Realidade atemporal: o caso de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil**. BOLETÍN DE ESTUDIOS GEOGRÁFICOS. ISSN 0374-618. 2020. Rio de Janeiro: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/217683/1/O-protagonismo-das-mulheres-rurais.pdf>> Acesso 20 jul.2022.

ARISTIMUNHO, L G. **Quilombo urbano Chácara das Rosas: Conformação de identidades**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. Disponível em: <<https://www.pimentacultural.com/quilombo-urbano>> Acesso em: 04 dez. 2021.
BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. 1981. São Paulo: Abril, Cultural, Brasiliense.

PAULA, Livia de. **BPS: Psicologia no SUAS**, PAULA, Livia. Mulheres que chegam ao SUAS: que histórias elas podem contar. 8 mar 2017. Disponível em <<https://psicologianosuas.com/2017/03/08/mulheres-que-chegam-ao-suas-que-historias-elas-podem-contar/>> acesso 02 ago. 2022.

BOLÍVAR, A. B. “¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación”. 2002. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, 4 (1). Disponível em: <<http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>> Acesso em: 04 dez. 2021.

BONI, V. **Movimento de mulheres camponesas: um movimento camponês e feminista**. Revista Grifos, n. 34/34, 2013. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/1259/1469>> Acesso em: 07 abr. 2022.

BRITO, Mônica N. **Lugar de mulher é na pesca: o olhar de uma marisqueira em Farol de São Thomé, Campos dos Goytacazes, a partir do PEA Pescarte**. Tese (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola. Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). 2019. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/17oRtOZTSpxdRORKJCyyzYwn1jBQRIQxQ/view>>
Acesso em 11 jul.2022.

BRITO, A. P.G; OLIVEIRA, G.S; SILVA, B.A. **A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NO DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS QUALITATIVAS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.1-15. 2021. Disponível em: < <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>> Acesso em: 16 jul. de 2022.

BRUM, E. **A menina quebrada:** e outras colunas de Eliane Brum. Arquipélago Editorial, Porto Alegre, 2013.

BRUM, E. **Meus desacontecimentos:** a história da minha vida com as palavras. LeYa, São Paulo, 2014.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 11–30, 2002. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/?lang=pt>> Acesso 03 ago. 2022.

CALAÇA, M. K. A. dos S.; CONTE, I. I.; CINELLI, C. Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 1156–1183, 2018. DOI: 10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1156. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/4993>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CAMARGO, T. S. de; BOEFF, M. C. Mulheres, trabalhos e histórias: uma análise das trajetórias de vida em uma Comunidade Teuto-Brasileira do RS. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 1202–1220, 2018. DOI: 10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1202. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5433>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CHAVES, A. CASTRO, R. Menezes, A. **A busca pela ascensão feminina no PDS Virola Jatobá, Anapu-PA.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 26(1): e42742. 2018. Disponível em :< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/42742>> Acesso 09 jul. 2022.

CITRINI, Sílvia M. **Narrativas e Experiências: A prática da Extensão Rural Agroecológica no Processo de Formação das Jovens Amazonenses.** Tese (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola. Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). 2019. Disponível em:<<https://drive.google.com/file/d/1pPHBqrV8ZeGZTMW6zKq5Rr6pDk7yki26/view>> Acesso 11 jul.2022.

FARIA, N. **Gênero como marco conceitual para entender a opressão das mulheres.** São Paulo, SOF - Sempre Viva Organização Feminista, 1995.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, Campinas, ano XXIII, no 79, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Costuras Contemporâneas**. org. SANTOS, Bruna L.S. JESUS, Iáscara O. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 307p.

GALVÃO, et al. **MEMÓRIAS DE UMA MOÇA BEM-COMPORTADA: ANÁLISE DA OBRA PELO VIÉS DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.18, n.1, p. 430-452. jan./mar. 2020. e-ISSN: 1809-3876. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/São Paulo. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/43255>> Acesso 04 ago. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, E. M. Trajetórias de mulheres camponesas: a luta pela educação. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 6, p. e11903, 2021. DOI: 10.20873/uft.rbec.e11903. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/11903>>. Acesso em: 15 Jul. 2022.

GOMES, et al. **Modos de trabalhar e modos de subjetivar na agricultura familiar no Sul do Brasil**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 1, e65762, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/65762>> Acesso em 12 jul. 2022.

GOMES, J. C.; ROSA, G. R. da. Trabalhando as relações de gênero e as histórias das mulheres nas práticas docentes. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 5, p. e3328, 2020. DOI: 10.20873/uft.rbec.e3328. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/3328>>. Acesso em: 13 jul.2022.

GRANCHI, Giulia. **Recordar é viver? Viva bem**. São Paulo. 29 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/como-funciona-a-memoria-como-melhorar-a-memoria-e-como-criamos-lembrancas/#end-card>> Acesso 03 ago.2022.

JESUS, I. SANTOS, B. HASKEL, I. AQUINO, D. Discursos de expropriação e governo de corpos femininos. In: SANTOS, I. JESUS, I (Orgs). **Michel Foucault e costuras contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural. 2021. Disponível em: <<https://www.pimentacultural.com/michael-foucault>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

JUNIOR, R. C. G. **Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. Disponível em:
<<https://www.pimentacultural.com/pesquisa-narrativa>> Acesso em: 03 dez. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. **O Trabalho Com Narrativas Na Investigação Em Educação.** Educação em Revista, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 17–44, 2015. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/edur/a/w7DhWzM5mB4mZWLB5hthLVS/?lang=pt>> Acesso 08 ago. 2022.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/abstract/?lang=pt>>. Acesso 02 jun. 2022.

LIMA, Vanessa D. **À sombra da mangueira: relatos das mulheres-mães de alunas/os de uma escola nucleada na cidade de Guanambi- BA.** Tese (Mestrado em Educação do Campo), Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).Amargosa, Bahia.2020. Disponível em:
<<https://www1.ufrb.edu.br/ppgeducampo/docs/category/17-turma-2018#>> Acesso 12 jul. 2022.

LINDÔSO, Raquel Oliveira; BEZERRA, Elaine Mauricio. **“Trilhas e saberes compartilhados: o feminismo no rural por Verônica de Santana”.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 3, e76726, 2021. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/76726>> Acesso em 13 jul. 2022.

LUNZ, Leandro S. **Mulher e história – os usos da memória pela conquista do espaço feminino.** Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est | 709. 2017. Disponível em:
<<https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/18127>> acesso 04 ago. 2022.

LUSA, M., G. FREITAS, R., C. M. **Mulheres camponesas e lutas sociais: entre as expressões da questão social no campo e a produção da vida.** In: Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em:
<http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498821030_ARQUIVO_Artigo.Mailiz.e.Rosana.texto.completo.MM_FG.final.pdf> Acesso em: 05 abr. 2022.

MARTINS, Sônia F. **A educação do campo como ferramenta pela permanência na terra – a experiência de Campo Alegre.** Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola. Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seropédica, Rio de Janeiro.2020. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1iThMSB5KWUpUF4vdc_5FBkbSItcWbAok/view>
Acesso 12 jul. 2022.

MARTINS, Ydávila V. BARBOSA, L. A participação das mulheres na Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária do Território Inhamuns e Crateús - Ceará. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 7, p. e12924, 2022. DOI: 10.20873/uft.rbec.e12924. Disponível em:
<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/12924>>.
Acesso em: 15 jul. 2022.

LÉXICO. **Dicionário de Português Online**. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em:
<<https://www.lexico.pt/memoria/>> Acesso em 30 ago. 2022.

HOUAISS, A. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em:
<https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1>
Acesso em 30 ago. 2022.

MENEZES, D. B.; PESSOA, M.L.; SILVA, H.S. **Desigualdades de gênero dos ocupados com atividades ligadas à agricultura no RS**. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2021. Disponível em:
<<https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202111/12170551-dee-spgg-estudo-desigualdades-de-genero-campo.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

NASCIMENTO, Alane S. **As experiências de mulheres negras camponesas do assentamento da fazenda Sururu de Queiroz de Varzedo/BA: escutas, disputas e composições de investimentos descoloniais na educação do campo**. Tese (Mestrado em Educação do Campo), Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Amargosa, Bahia. 2021. Disponível em:
<<https://www1.ufrb.edu.br/ppgeducampo/docs/category/27-turma-2019>> Acesso 14 jul. 2022.

NEGRETTO, C.; DA SILVA, M. A. Problematizando o trabalho invisível das mulheres e a divisão sexual de trabalho no campo: uma parceria entre educação popular e feminismo. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 1184–1201, 2018. DOI: 10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1184. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5455>. Acesso em: 10 set. 2022.

OLIVEIRA, Alaide. **Quintais produtivos como elementos de educação contextualizada ao semiárido cearense: saberes e fazeres**. Tese (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola. Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seropédica, Rio de Janeiro. 2019. Disponível em:<
<https://drive.google.com/file/d/1MRpQI3zmy0MojZ5-NykOb3Ppz2giaq0l/view>>
Acesso em 11 jul. 2022.

OLIVEIRA, et al. Trajetórias de mulheres camponesas no Espírito Santo: permanências e descontinuidades. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S.

l., v. 3, n. 4, p. 1221–1248, 2018. DOI: 10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1221. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5240>> . Acesso em: 10 jul. 2022.

OLIVEIRA, Kelly S. Ser-tão: **A flor(a) e o Licuri - As escrevivências das mulheres -Mães do Subaé e a Educação do Campo**. Tese (Mestrado em Educação do Campo), Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).Amargosa, Bahia.2020. Disponível em: <<https://www1.ufrb.edu.br/ppgeducampo/docs/category/17-turma-2018#>> Acesso 12 jul. 2022.

OLIVEIRA,Rosimeire A. **Mulheres da Chapada do Araripe- Agroecologia e Empoderamento**. UFFRJ. Seropédica, Rio de Janeiro.2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1bT1IVRxU5AdohlOubfvMPwg7KZYkR11T/view>> Acesso em 09 jul. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2008.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista Brasileira de História, v. 9, n. 18, p. 9-18; 1989.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
RAGO, Margareth. **Audácia de sonhar:memória e subjetividade em Luce Fabri**. Associação Brasileira de História Oral. 2002. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/48>> Acesso 31 ago. 2022.

SALES, Celecina M. V. **Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos**. Universidade Federal do Ceará. 2007. Disponível em :< <https://www.scielo.br/j/ref/a/zxBLWVLxQwRGT8zgC6fGqdF/?lang=pt>> Acesso 29 jul. 2022.

SANTOS, Aline Maiara Demétrio; WEDIG, Josiane Carine; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. **“Da Igreja à luta’: trajetórias políticas de mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná”**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, e67222, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/67222>> Acesso em 13 jul. 2022.

SANTOS, F. H. AGUIAR, A. L.; FERNANDES, S. B. Êxito social, história de vida e formação de uma mulher de sítio. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 7, p. e10644, 2022. DOI: 10.20873/uft.rbec.e10644. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/10644>> Acesso em: 16 jul. 2022.

SANTOS, Heloísa N. **Memórias militantes: narrativas autobiográficas de militantes da ação popular**. Orientador: Joana Maria Pedro. 2017. p.145. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/186606/P_HST0601-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso 01 ago. 2022.

SANTOS, Iolanda A.F. BETTO, Janaina. **Movimentos sociais rurais e feminismos: percursos e diálogos na construção do feminismo popular camponês**. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/XH3fDfSdG7g6dfpNTv5YcRt/>> Acesso em 17 jul. 2022.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. “A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e58051, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n158051>> Acesso em 12 jul. 2022.

SILVA, R.; MESQUITA, I. M. Mulheres com enxadas e lápis na mão: histórias de professoras primárias no meio rural sergipano (1930-1950). **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 1345–1371, 2018. DOI: 10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1345. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5331>. Acesso em: 09 jul. 2022.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991. 124p. (Educação contemporânea. Memória da educação).

SOBREIRA, D. N. **É o querer das Margaridas: tecendo histórias de resistências feministas no Brasil**. PPGNEIM/UFBA. 2020. Disponível em: <https://www.eeh2020.anpuh-rs.org.br/resources/anais/15/anpuh-rs-eeh2020/1596651963_ARQUIVO_a80f3f9cd1d060726a66ba012482b8c8.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SOUZA, A.S; OLIVEIRA, G.S; ALVES, L.H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>> Acesso em: 16 jul. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino De. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido**. Educação, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 39–50, 2014. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/11344>> Acesso 01 jul. 2022.

SOUZA, Sandra D. “**Memória dos sentidos e sentidos da memória: Relembrar para gerar vida**”. Universidade Metodista São Paulo. 2016. Disponível em <<http://portal.metodista.br/centrootiliachaves/editorial/arquivoeditorial/201cmemoria-dos-sentidos-e-sentidos-da-memoria-relembrar-para-gerar-vida201d>> Acesso 03 ago. 2022.

TELLES, Norma. “**Notas para uma aula: história das mulheres**”. São Paulo, mimeo, 2007, p.2. TRANSFORMATÓRIO das Margaridas: Observar para Transformar. **Marcha das Margaridas**. 2000. Disponível em: <<http://transformatoriomargaridas.org.br/>>. Acesso em: 01 abr. 2022.